



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

DAYANE MAGALHÃES MARTINS JUSTO

**O USO DO COMPUTADOR NA EJA COMO POTENCIALIZADOR DO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO
PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO GENPEX**

Brasília/DF
2017

DAYANE MAGALHÃES MARTINS JUSTO

**O USO DO COMPUTADOR NA EJA COMO POTENCIALIZADOR DO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO
PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO GENPEX**

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Maria Clarisse Vieira.

Brasília/DF
2017

JUSTO, Dayane Magalhães Martins.

O USO DO COMPUTADOR NA EJA COMO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO GENPEX – Brasília, 2017. 113 p.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2017.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira

1. Educação de Jovens e Adultos 2. Inclusão Digital

DAYANE MAGALHÃES MARTINS JUSTO

**O USO DO COMPUTADOR NA EJA COMO POTENCIALIZADOR DO
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO
PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO GENPEX**

Comissão Examinadora:

Professora Doutora **Maria Clarisse Vieira**

Orientadora - MTC/FE – UnB

Professora Doutora **Betânia Oliveira Barroso**

Examinadora - LCH/UFMA

Professora Doutora **Andrea Versuti**

Examinadora - MTC/FE - UnB

*Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas;
Glória, pois, a Ele eternamente. Amém.*

Romanos 11.36

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Dono da vida, autor da minha fé, que viu o meu corpo ainda informe e me trouxe à existência, que sonda os meus pensamentos e intenções conhecendo todos os meus caminhos, colocando sobre mim a tua mão.

Aos meus pais Elêde e Daniel que sempre me respaldam e me lembram do quanto sou capaz, aos meus irmãos (as) e amigos (as) que sempre acreditaram em mim, e ao meu esposo Joel pelo apoio físico, emocional e material que tornou a minha caminhada mais confortável.

A minha Profa. Dra. Maria Clarisse Vieira pela orientação deste Trabalho de Conclusão de Curso. Foi Deus quem a colocou no meu caminho para ajudar-me de uma maneira tão incondicional, dedicada, paciente, e especial que é impossível descrever! Obrigada por ser canal de benção contribuindo de forma grandiosa e significativa ao meu crescimento pessoal e intelectual durante o percurso. Levarei o seu exemplo para toda vida.

Aos professores da Faculdade de Educação pelo compromisso em transmitir excelentes conhecimentos, confiando aos educandos de pedagogia a missão de oferecer o melhor para a educação brasileira. A Profa. Dra. Teresa Cristina Siqueira Cerqueira que por motivos de força maior, em um momento delicado, foi impossibilitada de continuar minha orientação, mas que marcou a minha vida com aprendizados, saberes e experiências valiosíssimas!

Aos amigos e companheiros do GENPEX que me acolheram repletos de alegria dando-me suporte em um processo tão importante e decisório do meu curso. Foi um prazer compartilhar as alegrias, tristezas, sonhos e sucessos do grupo! Não tenho palavras que consigam expressar o quanto fui bem recebida e o quanto cresci através da oportunidade de estar com vocês!

Aos Educandos, Professores e a todos da Escola Ipê Amarelo do Paranoá, pois sem essa contribuição este trabalho não se realizaria.

Ao povo brasileiro que custeou a minha formação e a todos que de algum modo contribuíram para a realização deste sonho.

Muito obrigada!

"Quem é cego? O homem que não pode ver um novo mundo"

Pensamento Indiano

RESUMO

JUSTO, D. M. M. **O USO DO COMPUTADOR NA EJA COMO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO GENPEX.** 113 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

O presente trabalho de conclusão de curso abrange uma reflexão sobre a inserção das novas tecnologias na alfabetização de jovens e adultos (EJA) no Brasil. A pesquisa teve como objetivos verificar a relevância da alfabetização de EJA auxiliada pelo uso do computador na escola, além de estabelecer o perfil do aluno que atua nessa modalidade de ensino. A investigação partiu de uma pesquisa bibliográfica e de campo, descritiva e interpretativa, com dados empíricos, por meio de entrevista semiestruturada, da construção de texto coletivo e da utilização do computador como instrumento de intervenção. O instrumento utilizado foi aplicado aos alunos da modalidade de EJA atuantes na Escola Ipê Amarelo¹, localizada na região administrativa do Paranoá/DF. Como resultado, obteve-se que os alunos entrevistados têm consciência da importância das TIC's na vida cotidiana, percebendo que são instrumentos que vão aprimorar seus conhecimentos, possibilitando a melhoria das condições de ascensão na profissão ou a busca de uma melhor oportunidade. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos alunos da EJA, percebe-se a persistência destes em estar na escola e continuar a trajetória estudantil que um dia foi interrompida por inúmeros fatores. Portanto, o projeto de inclusão digital viabilizou a construção de uma sociedade justa, crítica e com sujeitos competentes.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Inclusão Digital.

¹ Nome fictício da escola.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	77
Figura 2	77
Figura 3	78
Figura 4	78
Figura 5	79
Figura 6	80
Figura 7	80
Figura 8	81

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Proporção de indivíduos que já utilizaram um computador/ Percentual sobre o total da população Brasileira.....	61
Gráfico 2. Proporção de indivíduos que já acessaram a internet/ Percentual sobre o total da população Brasileira.....	61

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Categoria 1 – Motivação para estudar.....	63
Quadro 2. Categoria 2 – Melhorias que precisam ser realizadas na Escola.....	65
Quadro 3. Categoria 3 – Benefícios que o computador traz para a alfabetização.....	67
Quadro 4. Categoria 4 – Percepção da importância de usar o computador e acompanhar os avanços das tecnologias.....	69
Quadro 5. Categoria 5 – Conhecimentos de informática que foram adquiridos através do contato com o computador.....	71
Quadro 6. Categoria 6 – A contribuição da escola para o uso das TIC's.....	73
Quadro 7. Categoria 7 – Melhorias necessárias nas aulas de informática oferecidas pelo GENPEX.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Região de origem.....	58
Tabela 2. Religião.....	58
Tabela 3. Profissão.....	59
Tabela 4. Uso do celular digital.....	59
Tabela 5. Acesso ao computador.....	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPED Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá **GDF** Governo do Distrito Federal

CETIC Centro de Estudos sobre as tecnologias da Informação e da Comunicação

CODEPLAN Companhia de Planejamento do Distrito Federal

EJA Educação de Jovens e Adultos

GENPEX Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais

PDAD Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios

PROJETO 5 Disciplina obrigatória do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, equivalente ao Trabalho Final de Curso (TFC)

TIC's Tecnologias de Comunicação e Informação

TDIC Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UnB Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
PARTE I.....	17
MEMORIAL.....	17
PARTE II.....	23
MONOGRAFIA.....	23
CAPÍTULO 1.....	23
Discussão sobre a temática da Educação de Jovens e adultos.....	23
1.1 Desafios frente à sociedade contemporânea.....	31
1.1.2 A inclusão digital dos alunos da EJA na sociedade globalizada e a contribuição da escola para o significativo avanço desses sujeitos no manejo do computador.....	35
1.2 OBJETIVOS.....	38
1.2.1 Objetivo Geral.....	38
1.2.2 Objetivos Específicos.....	38
CAPÍTULO 2.....	39
Limites e possibilidades do uso do computador na alfabetização de Jovens e Adultos.....	39
2.1 Porque alfabetizar letrando?.....	42
2.2 Migrantes e Nativos Digitais.....	45
2.3 A importância da alfabetização digital na Educação de Jovens e Adultos.....	46
2.4 Como a tecnologia pode favorecer a alfabetização?.....	48
CAPÍTULO 3.....	50
Aspectos e Procedimentos Metodológicos.....	50
CAPÍTULO 4.....	53
A experiência do GENPEX na sala de informática e na sala de aula na Escola Ipê Amarelo do Paranoá.....	53
4.1- A Escola Ipê Amarelo do Paranoá e a Educação de Jovens e Adultos.....	53
4.2- Breve referência às origens da parceria GENPEX e contextualização da criação da sala de informática.....	54

CAPÍTULO 5.....	56
Apresentação sobre a análise de dados.....	56
5.1 Análises dos dados produzidos.....	57
5.2 Análises dos dados categorizados.....	62
5.3 Atividades desenvolvidas em interface com o Diário de bordo/Itinerância coletivo.....	77
5.3.1 Histórias e significados dos nomes dos alunos.....	78
5.3.2 Histórias do Paranoá de ontem e de hoje.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
PARTE III.....	88
PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	88
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICE.....	93
A- Roteiro da entrevista.....	93
B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos alunos entrevistados.....	94
C- Textos Coletivos.....	95
D- Transcrição das entrevistas.....	97

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso se origina da experiência realizada no primeiro semestre de 2017 na Escola Ipê Amarelo do Paranoá, instituição de ensino pública que oferta classes formais de Educação de Jovens e adultos, que abrange o Projeto de Inclusão Digital do GENPEX existente na escola desde 2015. A investigação foi desenvolvida sob orientação e participação da Professora Orientadora Maria Clarisse Vieira, os integrantes do Grupo GENPEX e educandos participantes da pesquisa.

O trabalho realizado está organizado da seguinte forma. A primeira parte contém o memorial, onde traço a minha trajetória de vida e profissional, trazendo à tona as origens da minha relação com o tema. A segunda parte apresenta o trabalho monográfico que se inicia com uma sistematização da história da EJA no Brasil, considerando os desafios que esta enfrenta na sociedade atual no que diz respeito à inclusão digital, com destaque a importância da alfabetização digital dos alunos da Educação de jovens e adultos. O trabalho mostra como se dá a relação dos alunos da EJA com as TIC's, detalhando todo processo percorrido desde a inserção no espaço da escola, o trabalho coletivo e dialógico com os educandos, professores e corpo administrativo desta instituição, até a análise de dados apoiada na pesquisa de cunho qualitativa.

Esta pesquisa foi realizada de maneira articulada os referenciais teóricos norteadores da disciplina de Educação de Adultos, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, tais como: Albuquerque, Morais e Ferreira (2010), Galvão e Di Pierro (2007) que tratam da alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos, Carvalho e Sena (2000), Machado (2016), que ponderam a História da EJA no Brasil e Oliveira (2001) e Paulo Freire que direcionam mais no que diz respeito ao sujeito da EJA.

A presente pesquisa investiga os aportes que a escola proporciona para que de fato esses sujeitos sejam incluídos digitalmente na sociedade, e sondar a percepção do aluno da Educação de Jovens e Adultos sobre a relevância das TIC's.

Desejamos que o leitor aprecie a leitura e que o trabalho vá ao encontro de uma educação de jovens e adultos pautada numa sociedade mais humana e solidária.

PARTE I

MEMORIAL

“Procuro despir-me do que aprendi, procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta com que me pintaram os sentidos, desencaixotar minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu”.

Alberto Caeiro

Nasci na cidade de Taguatinga DF em 14 de setembro de 1989, no lar de uma família humilde e desprovida de recursos, onde meu pai era servente de obras e minha mãe dona de casa. As famílias do meu pai e a da minha mãe vieram do interior do Goiás, atrás de melhores condições de vida pra oferecer para os filhos, mas quando nasci as coisas ainda não tinham mudado muito.

Meus pais sempre conviveram um com o outro desde pequenos, pois são primos de primeiro grau, e a convivência fez com que se apaixonassem e que se casassem. Este casamento rendeu cinco filhos e eu sou a irmã do meio desta família de três irmãs e dois irmãos, e também tenho um irmão por parte de pai, fruto do segundo casamento dele.

Vivíamos com o básico e a desvalorização da mão de obra das classes menos favorecidas tornava os recursos ainda mais escassos. Assim, o sofrimento que meus pais passavam para nos sustentar serviu pra orientar-nos de que nossas vidas só poderiam ser melhores no futuro se nos apegássemos ao estudo pra não passarmos pelas mesmas dificuldades que eles passaram.

Foi neste contexto familiar e social que iniciei a minha trajetória na escola, e embora não me recorde de muitos acontecimentos, minha mãe conta que aos cinco anos eu já chorava de vontade de ir para o colégio, principalmente quando via minha irmã mais velha sair para a aula. Naquela época, em 1994, ainda não era obrigatoriedade matricular as crianças a partir dos quatro anos de idade.

Depois de muito flagelar minha mãe com essa ideia, ela conversou com meu pai e resolveram matricular-me em um jardim de infância particular que havia perto de casa. Foi a minha maior alegria e eu nem sequer chorava ao saber que ia ficar aos cuidados da professora. Logo descobri que esta era austera, e durante as aulas dava

beliscões nos alunos se eles bagunçassem. Mesmo assim não me intimidei e continuei a frequentar a escola.

Depois de um ano, fui para a primeira série do ensino fundamental que já era em uma escola pública, que era muito bonita, bem pintada e cheia de personagens, coisa que chamava muito minha atenção. Nesse tempo lembro que eu amava a professora, apesar de não lembrar o nome dela. Lembro-me que era sempre muito boa e gentil. Certa vez, tive uma experiência assustadora com esta professora. Era um dia comum como os outros, mas antes dos alunos saírem para o recreio ela ditou algumas regras pra nós. Não me lembro exatamente o quê mais era algo que não deveríamos fazer.

Quando voltamos do recreio, algumas crianças a tinham desobedecido e a diretora precisou chamar atenção da professora, o que a enfureceu muito. Ao chegar à sala ela teve um ataque nervoso de um jeito que nunca tinha visto ninguém assim antes: ela se ajoelhava no chão e gritava chorando: “Por que, meu Deus do céu, por que”? Vejo essa cena perfeitamente em minha memória até hoje, porém fico aliviada por não ter sido um dos alunos que a irritou!

Foi tão sério que os coordenadores a arrastaram da sala, enquanto ela literalmente se debatia e chorava, levando-a pra outro lugar para acalmá-la e entenderem por que ela não estava conseguindo se controlar diante dos alunos. No outro dia, não era mais a mesma professora e nunca mais a vi. Passado algum tempo, meus pais me mudaram de escola e eu sofria um pouco por que não tinha muitos colegas. Como sempre fui tímida isto dificultava mais ainda minhas relações com as outras crianças.

Durante o Ensino Fundamental passei por seis escolas diferentes e a memória mais fresca que tenho é a de quando fui parar no Centro de Ensino Fundamental Caseb na oitava série, onde havia uma professora de música que nos ensinava a tocar flauta. Eu não gostava de flauta, mas tive que aprender senão ia reprovar no componente curricular Música. Aprendi por que precisava de nota, mas se alguém me perguntar o que sei sobre o assunto, confesso que não sei mais nada!

Ainda na mesma escola, a professora Marta de biologia era uma pessoa sensacional e sempre dava aula da melhor maneira possível! Explicava o conteúdo pra gente de um jeito que fazia sentido! No primeiro ano do ensino médio, já no Centro

Educacional Elefante Branco, eu tive uma professora de educação física que ninguém suportava, era severa demais e colocava a gente pra dar inúmeras voltas na quadra até não aguentar mais! Pra quê? Não sei ao certo, mas tenho a nítida impressão que era para nos torturar o máximo que pudesse!

A escola era sempre o melhor ambiente pra mim, só que algumas coisas me desgostavam como já citei acima, mas de tudo isso tiro a conclusão que o aprendizado é maior e melhor quando o educador faz com que o conteúdo se torne interessante para o educando e que este saiba qual a necessidade que se tem de aprender determinado assunto, para que possa ser visto como algo prazeroso e não como uma obrigação. Desta forma até o educador se sente realizado em sua tarefa diária quando vê em seus alunos a satisfação em aprender.

Meu pai sempre dizia que estudar era uma obrigação, que era necessário ter boas notas. Ele dizia que era um dos deveres que fazíamos por nós e a única coisa que podíamos fazer por ele. Depois de algumas reflexões, entendi que mesmo com todos os problemas que citei, em minha trajetória existiram professores que conseguiram me mostrar o caminho para ser uma pessoa com princípios incalculáveis, que possuíam o desejo de mudar a vida de seus alunos através do conhecimento, que nos deram exemplos mostrando que o conhecimento é a única coisa que ninguém pode nos tirar.

Depois de algum tempo comecei a namorar e logo me casei com apenas 16 anos. Sim, eu era muito jovem mais o tradicionalismo religioso que meus pais seguiam não permitia que as “moças” namorassem muito tempo, então deveria casar-me logo. Mesmo assim continuei minha trajetória escolar e um ano depois terminei o Ensino Médio.

Após o Ensino Médio, seis anos de vários vestibulares e Enem's se passaram até que consegui entrar na UnB, que era o meu grande sonho de realização acadêmica, pois não tinha condições de pagar uma formação. E desde então, vivi mais do que esperava. Inscrevi-me para as vagas remanescentes do 2º vestibular de 2012 através da nota do Enem e quando vi meu nome na lista de convocados em primeira chamada eu mal podia acreditar! Quando fui fazer minha matrícula senti uma satisfação imensa ao conhecer a Faculdade de Educação, sem contar que os prédios estão num ambiente arborizado que me fazia sentir melhor ainda ao estar, mesmo que indiretamente, em contato com a natureza.

Algo que me marcou muito, no primeiro semestre de UnB na aula de oficina vivencial, foi uma frase da professora Marcela Souto. Ela perguntou aos alunos no primeiro dia de aula: “se vocês fossem um objeto, o que seriam? E porque seriam o objeto que escolheram? Eu, acreditando que não tinha nada de importante pra oferecer, me comparei a um caderno em branco que precisava ser escrito. Ela, sem hesitar, me disse: “Você que não sabe ! Daqui pra frente vais perceber que o seu caderno está mais escrito do que você imagina!

Ainda bem que ela disse. Eu ainda não tinha percebido que minhas vivências, aprendizados e experiências, ainda que poucas estavam escritas em mim e que minhas opiniões iam intensificar-se ou modificar-se em algum momento. Infelizmente a escola da minha vida, da minha época não me ensinou a pensar criticamente e sim a reproduzir, a pensar como os outros pensavam e a falar apenas o que os outros queriam ouvir, sem refletir em nada. Eu não fui estimulada a raciocinar pra ter uma atitude libertadora. Como o termo que Paulo Freire usava, eu fui “oprimida” durante minha vida escolar, mas passei a não estar mais nesta condição quando entrei na Universidade, pois esta me proporcionou a liberdade. Liberdade tamanha que até tive dificuldades pra manejá-la, afinal nunca tinha sido tão livre.

Também não posso deixar de citar minha experiência como estagiária na educação infantil, no Centro de Ensino Candanguinho, no Sudoeste. Lá aprendi a lidar com as crianças, a prestar atenção em suas necessidades, a estimulá-las para que houvesse um bom aprendizado e graças a experiência vivida lá durante dois anos, sinto-me segura para entrar em qualquer sala de educação infantil, pois saberei por onde começar. Por isso é importante o estágio durante a nossa formação.

Durante o período de formação, interessei-me também pela disciplina de Educação de Adultos. Eu queria entender um pouco como era a perspectiva da educação de Jovens e Adultos, pois assim como meus pais, muitas pessoas que fazem parte do meu círculo de vida precisaram da EJA para conseguir completar suas etapas de escolarização, que foram interrompidas durante a infância porque foram obrigados a trabalhar muito cedo para conseguir suprir o mínimo vital de suas famílias. Depois de muitos anos, com os filhos já crescidos meus pais terminaram seus estudos e hoje meu pai é formado em Direito e minha mãe é empreendedora em um estabelecimento próprio.

No decorrer do semestre da disciplina de Educação de Adultos, lembro-me que a professora Maria Clarisse nos atribuiu um trabalho de pesquisa de campo que deveria ser feito numa escola de EJA. Fui a uma escola que oferta EJA no período da noite, bem perto da minha casa, onde também estudei a 5ª e a 6ª série do ensino fundamental, em Samambaia Sul. E quando me apresentei para o diretor da escola, citando que também tinha sido aluna dali ele soltou a frase: “Você? Estudou aqui? E faz graduação na UnB? Isso é um milagre, pois os meninos daqui só viram bandidos e as meninas prostitutas”.

Fiquei estarelecida com o sentido desta afirmação, pois não é admissível que um profissional, principalmente da educação, tenha uma visão tão deformada a ponto de rotular que todos os alunos da escola, que são de classe baixa e desfavorecida, estarão fadados às piores posições na sociedade, e o contrário disso só se fosse um milagre.

Este é um pensamento de negatividade, existente em contextos escolares, que atrapalha o processo de desenvolvimento do aluno, e que deve ser desconstruído urgentemente para que isso não se reverbere cada vez mais. Logo, pesquisar sobre a educação de jovens e adultos neste Trabalho de Conclusão de Curso está sendo uma oportunidade de mostrar, pelo menos um pouco, que a EJA está cheia de pessoas com anseios em aprender e vivenciar uma educação negada a eles. Um direito que foi negado e até hoje não é totalmente contemplado por negligência do Estado. Assim percebo a necessidade de serem desenvolvidas pesquisas na área de Educação de Jovens e Adultos que cooperem na mudança do olhar preconceituoso e cheio de estigma que comumente encontramos.

Estar aqui na UnB mudou toda a minha vida para melhor. Em todos os aspectos. A visão com que cheguei aqui era opaca e curta, e hoje saio daqui com valores inestimáveis que eu não teria acesso em nenhum outro lugar. A Faculdade de Educação me amadureceu. Ao conviver com diferentes pessoas em diferentes momentos da minha vida e com diferentes saberes, formei-me em alguém mais humano, alguém que respeita a opinião das outras pessoas que tem pensamentos diferentes dos meus, aprendi a refletir e a tomar atitudes libertadoras, fui apresentada a incontáveis teorias de conhecimentos que serão levados por mim pra vida inteira e que de alguma maneira vai ajudar outras pessoas.

A cada dia sinto que aprendo e cresço mais um pouco. E como diz Paulo Freire “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em

comunhão”, acredito que a escola pode ser cada vez melhor, e como professores é necessário que nos responsabilizemos em fazê-lo, mostrando aos nossos alunos que estamos na escola porque precisamos do conhecimento e que ela é a base formal deste conhecimento.

A escola tem que mostrar a importância de viver numa sociedade com liberdade de expressão, ensinando que os limites e as opiniões das pessoas devem ser respeitadas, para assim preparar cidadãos que enfrentem o tão complexo mundo o qual vivemos, para que estes não sejam alienados se tornando uma reprodução em massa de seres humanos.

“Porque o ontem é só um sonho e o amanhã, só uma visão. Porque o hoje, bem vivido, faz do ontem um sonho de felicidade e, do amanhã, uma visão de esperança.”

Provérbio Indiano

PARTE II

CAPÍTULO 1

DISCUSSÃO SOBRE A TEMÁTICA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Sabemos que a tecnologia aliada à divulgação de informação assume um papel crucial e tem tomado conta da sociedade civil de uma maneira global. Ou seja, têm-se criado uma sociedade da informação. Esta, que está sempre em processo de expansão, avança de maneira acelerada a tal ponto que cada vez mais se distancia da classe trabalhadora, das camadas populares da sociedade que é onde se encontram os sujeitos da Educação de Jovens e adultos (EJA).

Para abstrairmos o sentido da Educação de Jovens e Adultos é necessário entender um pouco como essa modalidade foi sendo tecida no panorama da educação brasileira.

Podemos compreender que desde os primórdios da escolarização no Brasil já existiam indícios de uma educação para jovens e adultos, característica do trabalho iniciado pelos padres jesuítas ao catequizarem e ensinarem as primeiras letras aos índios que aqui viviam, quando aportaram no Brasil em 1547. Como passar do tempo, este trabalho educativo foi também estendido aos negros escravizados trazidos da África que trabalhavam na lavoura. A ação dos Jesuítas perdurou até 1759, quando no lugar dos colégios da Companhia de Jesus passaram a vigorar as aulas-régias de Latim, Grego e Retórica que não tinham qualquer ligação e eram organizadas de acordo com as reformas do Marquês de Pombal. Sem escolarização primária que pudesse atender a população, esta a cada dia apresentava um maior índice de analfabetismo.

Em 1824, a primeira Constituição Brasileira estabeleceu, em um de seus artigos, que a instrução primária passava a ser gratuita a todos os cidadãos, mas a maior parte da população, que eram os pobres, as mulheres e os escravos, não tinha direitos políticos de cidadania, pois estes pertenciam somente às pessoas que tinham forte poder aquisitivo, e dessa forma desestimulavam qualquer interesse que poderia existir da parte da população desprovida de recursos em estudar.

Ao final do período imperial, a sociedade estava aos poucos dando conta que existiam problemas educacionais e que preponderava a necessidade de educação primária para todos. E embora isto estivesse expresso nos dispositivos constitucionais a perspectiva dessa educação ficava apenas nas letras da lei.

De um modo geral as iniciativas que decorreram nos períodos da Colônia, Império e da Primeira República, podem ser tituladas como uma ação fragmentária inicial da escolarização de jovens e adultos no Brasil que após o processo de industrialização e urbanização, desenrolado no país a partir do século XX, originaram oportunidades para que a modalidade de educação de jovens e adultos ocupasse um espaço na política de educação pública a nível nacional.

A partir de 1940, o Estado Brasileiro expandiu seus encargos e responsabilidades em relação à educação de jovens e adultos através de uma política nacional com verbas e mecanismos que continha as tensões entre as classes sociais, visando prover qualificações mínimas à força de trabalho para um bom funcionamento dos projetos nacionais propostos pelo Governo Federal.

Em 1942 foi estabelecido o Fundo Nacional do Ensino Primário com o propósito de realizar programas que ampliasse e incluísse o Ensino Supletivo para adolescentes e adultos. Em 1945, este fundo foi regulamentado, estabelecendo que 25% dos recursos fossem utilizados na educação de adolescentes e adultos analfabetos². Com a criação da UNESCO, também em 1945 logo após a 2ª Guerra Mundial, que fazia uma pressão internacional para que houvesse a aniquilação do analfabetismo, postulava-se que a educação era o meio de avançar o desenvolvimento das chamadas “nações atrasadas”. Isso demonstrava que os programas de educação instalados estavam mais preocupados na quantidade de pessoas formadas do que na qualidade dessa educação.

E com o fim da Ditadura Vargas, na efervescência política que o país vivia, era plausível ao momento histórico interno brasileiro o aumento de pessoas que, diante da lei, pudessem exercer o direito do voto no caminho da democratização.

²De acordo com Galvão e Di Pierro (2007) a palavra *analfabeto* é, com poucas exceções, carregada de significados negativos e que a relação que a maioria das pessoas tem com o analfabeto é de preconceitos e discriminação, caracterizando o sujeito por aquilo que ele não possui. As autoras defendem que o adulto não alfabetizado não pode mais ser visto como alguém ignorante e imaturo, mas como um ser produtor de cultura e de saberes.

Em função desta conjuntura, em 1947 despontou-se um programa, de âmbito nacional, visando atender especificamente às pessoas adultas que foi a criação do SEA (Serviço de Educação de Adultos) como um serviço especial do Departamento Nacional de Educação do Ministério da Educação e Saúde que tinha o objetivo de reorientar e coordenar, de maneira geral, os trabalhos dos planos anuais do Ensino Supletivo para adolescentes e adultos pouco escolarizados.

Esse movimento que durou até fins da década de 1950, passa a definir a identidade da educação de adultos e a ser denominado Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos – CEAA que teve uma influência relevante na criação de uma infraestrutura nos Estados e Municípios para o atendimento à educação de jovens e adultos mobilizando esforços de diversas esferas administrativas, profissionais e voluntárias, mas as iniciativas voltadas à ação comunitária não tiveram a mesma repercussão e a campanha se extinguiu antes do final da década. Porém, a rede de ensino supletivo implantada por meio da Campanha resistiu e passou a ser assumida pelos Estados e Municípios.

Lamentavelmente, a rede de ensino supletivo deu lugar a um método pedagógico que homogeneizava os alunos e não tinha a preocupação de contextualizá-los, considerando o adulto não alfabetizado como um incapaz e marginal, identificado como uma criança grande, que mantinha uma família e uma profissão em plano deficiente e o que valia para ele não tinha importância nenhuma no mundo dos letrados.

Oportunamente, esta visão foi sendo modificada e as vozes que superavam o preconceito foram abrindo caminhos para que os adultos pouco escolarizados fossem reconhecidos como seres capazes de raciocinarem, de produzirem e de resolverem seus problemas e as teorias mais modernas da psicologia contribuíram para desmentir as afirmações anteriores sobre a capacidade de aprendizagem dos adultos.

Com a realização do II Congresso Nacional de Educação de Adultos no Rio de Janeiro em 1958, norteou-se para uma discussão de um novo método pedagógico que melhor se adequasse na educação de adultos. Os educadores perceberam a necessidade de superar os preconceitos que rodeavam as pessoas não alfabetizadas.

Foi nessa época que um dos maiores educadores do país, Paulo Freire ganha espaço e inicia-se o Sistema da Pedagogia de Freire, já no Seminário Regional

(preparatório ao congresso), realizado em Recife. Freire chamava a atenção de que o progresso educativo deve acontecer contextualizado às necessidades inerentes das pessoas educadas, “com” elas e não “para” elas, pois as pessoas não alfabetizadas não deveriam ser vistas como imaturas e ignorantes.

Paulo Freire foi um dos precursores da educação popular que defendia que o objetivo da escola deveria ser ensinar o aluno a "ler o mundo" para poder transformá-lo. Com atuação e reconhecimento internacionais a concepção freireana de educação de Jovens e Adultos ou o “método Paulo Freire” tem o objetivo maior de conscientizar o aluno em relação às parcelas desfavorecidas da sociedade, levando-os a entender sua situação.

O fim da década de 1950 e o início da de 1960 foi notado por uma grande mobilização social em torno da educação de adultos. Podemos fazer menção de vários movimentos sociais originados neste período, tais como: “Movimento de Educação de Base” (1961-CNBB), Movimento de Cultura Popular do Recife (1961), Centros Populares de Cultura (UNE), Campanha de Pé no chão Também se Aprende (Prefeitura de Natal).

Assim, uma educação para adultos passou a ser reivindicada pelos movimentos sociais e pela educação popular que valorizava os saberes prévios do povo e suas realidades culturais na construção de novos saberes, visando a formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã.

Infelizmente a crise política no qual atravessou o país, em 1964, prejudicou o desenvolvimento do Sistema Paulo freire, que era uma nova concepção de alfabetização e educação que defendia a educação como meio de democratização da cultura trazendo a reflexão sobre o mundo e o lugar do homem nele. Assim, com o Militarismo, os programas que pretendiam constituir uma transformação social foram bruscamente interrompidos com apreensão de materiais, detenção e exílio de seus dirigentes.

Retoma-se, nessa época, a educação como modo de homogeneização e controle das pessoas. O governo militar, então, criou o Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), em 1967, com o objetivo de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada que tinha a intenção de erradicar o analfabetismo, ensinando os jovens e adultos a ler e escrever, porém não utilizava o diálogo e não se preocupava

com a formação crítica dos educandos. O Mobral configurava um sentido político que responsabilizava o indivíduo pela sua situação, pela situação de subdesenvolvimento do país e desconsiderava seu papel de sujeito produtor de cultura.

Por fim, o Mobral foi extinto em 1985, com a chegada da Nova República, e seu final foi regado por denúncias sobre desvios de recursos financeiros, acabando numa CPI (Comissão Parlamentar de Investigação). Muitas pessoas que se alfabetizaram pelo Mobral acabaram desaprendendo o que tinham aprendido e durante muito tempo ao se falar na EJA, pensava-se apenas nas ações que eram desenvolvidas e destinadas a alfabetização de pessoas que não aprenderam a ler e escrever na idade correta.

Aos poucos, os movimentos sociais e a educação popular retomaram suas forças ocupando novamente a cena pública, educadores progressistas passaram a fazer parte da secretaria de educação dando novos rumos aos programas de educação de jovens e adultos. Neste mesmo período a sociedade civil já se organizava solicitando a elaboração de uma nova constituição, pois por meio desta se buscava a garantia de normas jurídico-legais para o exercício de uma democracia participativa.

Os constituintes acolheram várias reivindicações que lhe foram encaminhadas pelos setores da sociedade civil, e atendidas as solicitações houve a promulgação da Constituição Federal de 1988 e seus desdobramentos nas constituições dos Estados e nas leis orgânicas dos Municípios, por meio das quais se busca determinar as suas próprias leis contanto que estas não infrinjam a Constituição Federal.

A Constituição Federal de 1988 assegura pela primeira vez no plano da lei o direito ao ensino fundamental gratuito, incluindo os que a ele não tiveram acesso na idade própria, afirmando que o acesso ao ensino obrigatório é direito subjetivo e que o não oferecimento ou sua oferta irregular fará com que a autoridade competente seja responsabilizada.

No período posterior da promulgação da Constituição Federal de 1988 a história da educação de jovens e adultos é marcada pelo descompasso entre a garantia do direito que era contemplado na lei e a sua negação pelas políticas públicas. Uma das explicações para essa dissonância é que o texto da lei não deixa claro qual é a responsabilidade dos governos federal, estadual e municipal, levando o Estado ao descomprometimento diante de suas obrigações educacionais.

Na década de 1990, na gestão do presidente Fernando Collor, o governo federal se escusa do papel de indutor de políticas públicas, pois visava a redução dos recursos estatais fazendo com que várias entidades civis e instituições conveniadas passassem a arcar com as responsabilidades das atividades educativas que antes eram mantidas por convênios com o governo federal, provocando a transferência de suas responsabilidades públicas, dos programas de alfabetização de jovens e adultos, para os Estados e Municípios.

Em 1995 iniciou-se uma reforma educacional executada pelo governo de Fernando Henrique Cardoso, num contexto de controle de gastos públicos que visavam a estabilização econômica do país, que manteve a educação básica de jovens e adultos numa posição desvantajosa reforçando a descentralização dos financiamentos e da organização dos serviços que eram oferecidos.

Além disso, em 1996, foi promulgada uma Ementa Constitucional que suprimia as Disposições Transitórias da Constituição de 1988 que comprometia a sociedade e o governo a erradicarem o analfabetismo e a universalizarem o ensino fundamental até 1998, desobrigando o governo federal de aplicar os recursos vinculados à educação da maneira que estava escrito no texto original.

Após, um novo mecanismo de distribuição de recursos para a educação foi criado: o Fundo de Manutenção e desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (Fundef) e este reunia os recursos para a educação que posteriormente eram distribuídos entre as esferas do governo estadual e municipal de acordo com o número de alunos atendidos nas redes de ensino fundamental regular, excluindo o ensino fundamental presencial de jovens e adultos do total de matrículas para o efeito dos cálculos, desestimulando os Estados e Municípios na expansão do ensino fundamental de jovens e adultos.

Outro fato ocorrido no mesmo ano foi a aprovação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996, depois de vários anos de debate entre o governo e a sociedade civil, e no que diz respeito à educação de jovens e adultos houve uma redução das idades mínimas de 18 para 15 anos para o ensino fundamental e de 21 para 18 anos para o ensino médio que, de acordo com Friedrich et al (2010), acaba colaborando com a desqualificação desta

modalidade de ensino, incitando uma certificação rápida e assim causando danos ao significativo processo pedagógico.

Analisando o desenvolvimento, os problemas enfrentados, os impactos, as rupturas e as permanências no cenário da educação, com foco na escolarização de jovens e adultos, é interessante compreender como o Estado e a sociedade civil tem contribuído na consolidação ou não desse campo como política pública. Em que medida as ações suscitadas pelo governo federal se ajustam entre o proposto e o efetivado. Segundo Machado (2009), é de total relevância que se reconheça que a luta pelo direito à educação implica muito mais que o acesso à escola, pois são nos diversos espaços de convívio social que jovens e adultos seguem constituindo-se como sujeitos que produzem conhecimentos.

Machado (2016) diz que apesar das lutas intensas na EJA, a luta pelo direito a escolarização de qualidade é algo que necessita ser recobrado em seu sentido mais profundo, passando a ser um compromisso dos educadores para com os educandos, pois há uma perda do sentido da escola como espaço para aprender por não conseguir cumprir seu papel de transformadora da realidade da desigualdade social, numa perspectiva emancipatória. De acordo com esta autora:

Assim como definimos lei como espaço de luta, entendemos que, na EJA, não cabe outra senão a perspectiva de uma escola emancipatória, que considera o conhecimento como um dos componentes fundantes da consciência crítica. Embora isto esteja muito distante da nossa realidade, consideramos ser o horizonte formativo a ser perseguido [...]. (MACHADO, 2016, p.433)

É importante citar que, embora existam várias perspectivas de emancipação humana que atravessa toda a história da filosofia, a perspectiva emancipatória citada no decorrer deste trabalho é de abordagem Freireana, que afirma que os indivíduos menos favorecidos, os oprimidos, através do desvelamento crítico da realidade, podem mudar suas existências libertando-se da opressão. Assim a emancipação na perspectiva de Freire deixa de ser somente uma proposta filosófica, social ou crítica, e passa a ser primordialmente uma tarefa educacional, orientada para a práxis pedagógica.

Segundo Machado (2016), refletir sobre os vinte anos da LDBEN de 1996 é oportuno se for a partir de uma perspectiva consciente e crítica, pois a lei ainda é viva e está em constante transformação.

Sendo assim, ela aponta para três reflexões: uma que analisa a EJA na LDBEN de 1996 associando-a com um passado que não passou, ou seja, mesmo chegando nesta última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ainda há algo que precisa ser compreendido, a segunda dialoga com os movimentos internos e externos vividos pela EJA envolvendo a sociedade civil e os governos apontando o papel da união nas políticas educacionais implementadas nesses 20 anos e a terceira abrange outras reflexões que expressam as dúvidas e angústias de quem quer seguir pensando a construção dos próximos 20 anos sem desconsiderar o “pessimismo da inteligência” que cerca grande parte dos educadores nos últimos tempos.

Da primeira reflexão que ela intitula como “um passado que ainda não passou”, entende-se que a visão que se tem da EJA nos dias de hoje lamentavelmente ainda continua deformada devido a permanência de propostas de ensino aligeiradas na EJA, que defendem a redução do tempo e do conteúdo para que esse aluno entre o mais rápido possível no mercado de trabalho, encurralando o aluno num processo medíocre de escolarização para conseguir apenas um certificado.

Esta visão distorcida ainda é apregoada nas maiorias das escolas de EJA, veiculando ilusões irresponsáveis que mais tarde trarão contrariedade, pois não é conveniente fazer os educandos acreditarem que o certificado, sem um aprendizado adequado, vai ser condição para ser incluído no mercado de trabalho.

E pior do que esta ilusão relatada, Machado (2016) chama atenção à existência de uma adulteração no verdadeiro sentido da escola e seu papel na transformação da realidade fazendo com que “a visão emancipatória da educação tenha que lutar bravamente para se manter viva no meio dos educadores brasileiros”. A autora ainda afirma que ao analisar o texto aprovado em 1996 e suas alterações até o presente

[...] pode-se considerar uma dupla derrota para o campo da EJA. Primeiro, a clara perda de identidade de uma modalidade para trabalhadores, que deveria ser assumida por eles e pela sociedade como um todo, envolvendo o Estado como proponente da política educacional e o comprometimento dos segmentos de empregadores, sindicatos e instituições formadoras de educadores numa ação coordenada. Isto nos leva a segunda derrota, de um passado que não passou: a Lei nº 9.394, de 1996 é a reafirmação da perspectiva de suplência, expressa nos artigos 37 e 38, que poderia ter sido superada se a redação pudesse se concentrar em garantir as ofertas diferenciadas de educação básica para a modalidade. (MACHADO, 2016, p.439)

Na segunda parte de sua reflexão, Machado fala a respeito da construção de uma pauta entre o governo e a sociedade civil que necessita de diálogo, pois quase não há uma conformidade de opiniões, ficando cada vez mais claro que o processo de políticas públicas para a sociedade é tomado por uma série de conflitos de interesses e disputas de poder, sendo necessário que movimentos sociais se mobilizem, diante da importância política, econômica ou cultural das políticas públicas, para que o Estado organize medidas apropriadas que se ajustem às necessidades verificadas.

Caminhando para o fim do artigo, Machado divide o espaço com reflexões que suscitam vários questionamentos como, por exemplo, a necessidade de analisar se as propostas e consensos em relação ao que julgamos ser uma educação de qualidade de fato está sendo compartilhada com a visão de mundo dos educandos da EJA, se houve uma mudança no perfil dos nossos educadores de EJA nesses vinte anos de LDBEN, e também quais as contribuições dos pesquisadores no papel fundamental na formação de educadores e na disseminação da produção sobre o campo da EJA.

Do quadro final de 1996 até o início de 2016, pode-se inferir que a EJA ocupou um espaço na agenda da política educacional brasileira aos trancos e barrancos, assumindo um determinado lugar no meio de uma política de educação pública de proporção nacional passando a ser objeto de reflexão. Não obstante a Lei não tenha alcançado seus objetivos de fato e estejamos longe da solução dos principais problemas de garantia do direito da educação para todos, a luta travada e a fortificação da sociedade civil organizada em torno desta são inegáveis.

1.1 Desafios frente à sociedade contemporânea

Constantes desafios que foram sendo identificados intensificaram-se ao longo dos anos e passaram a exigir algo mais dos educadores, pesquisadores e envolvidos na área. Entre esses vários desafios estão: a democratização do acesso, a melhoria de condições necessárias que garantam a permanência desse sujeito na escola e o desenvolvimento de práticas educativas que sejam contextualizadas com a realidade do aluno.

O acesso à escola sem qualidade tem aumentado a desigualdade que persiste no País. Apesar dos esforços recentes para direcionar as políticas educacionais para reduzir esta dívida com a população, eles têm sido definitivamente insuficientes. Também cresce a cada dia a distorção idade-série, significando dois ou mais anos de atraso na

escolarização em relação à faixa etária apropriada. Este fenômeno que é provocado por vários fatores demonstram que é necessário um esforço surpreendente para que o sistema educacional se adeque às necessidades desses estudantes.

A qualidade da oferta de educação de jovens e adultos e a sua relevância social demonstram altos índices de abandono e evasão indicando uma enorme fragilidade na permanência do aluno de EJA. Além disso, temos a questão da formação do educador de jovens e adultos, os problemas dos conteúdos descontextualizados, o tipo de oferta e os materiais didáticos que evidenciam a inconsistência desta Educação.

Sabemos que a principal forma de aumentar o grau de escolaridade de uma sociedade é elevando a frequência escolar e o tempo de permanência das crianças e jovens nas escolas, algo que, no Brasil, é considerado essencial para a redução da desigualdade de rendimentos. Mas infelizmente um dos problemas graves a ser enfrentado pelo país é a desigualdade de oportunidade educacional que, ao dificultar o acesso da população mais pobre a níveis elevados de educação, não só restringe a expansão do ensino, como também gera heterogeneidade educacional.

Se a escolaridade da população é baixa, tende a aumentar a heterogeneidade educacional da população e como nem todos se beneficiam da mesma forma da expansão do ensino, a cada dia aumenta a desigualdade na qualidade da mão-de-obra que ingressa no mercado de trabalho produzindo desigualdades de rendimentos.

O desafio de promover uma educação igualitária e com qualidade, aumentando assim o nível de escolaridade da população brasileira, traz importantes implicações e exigem mudanças consideravelmente grandes. Uma das principais envolve o aumento significativo do investimento público e controle social sobre a aplicação obrigatória dos recursos para que o investimento em educação não seja tão subalterno.

Em função desses e outros desafios foi desencadeado um processo de articulação de diversos segmentos sociais como: organizações não governamentais, movimentos sociais, governos municipais e estaduais, universidades, organizações empresariais que buscam debater e propor políticas públicas para a educação de jovens e adultos em nível nacional.

Uma contribuição efetiva para que haja a superação das desigualdades dependerá de vários fatores como, por exemplo, melhorar a qualidade dos programas

ofertados, oferecer formação continuada para educadores e efetivar políticas de intersetorialidade que articulem políticas sociais, pois a educação de jovens e adultos enfrenta o desafio de ir além de uma visão escolar da educação, reconhecendo a necessidade e a importância de outros espaços e formatos de aprendizagem.

Também é importante lembrar que quando falamos de Educação de Jovens e Adultos, estamos falando de um público específico da camada popular. Quem está na EJA, não é qualquer jovem e adulto, são jovens e adultos que não tiveram acesso à escola ou por algum motivo não concluíram seus estudos no ensino Fundamental e Médio.

De acordo com Oliveira (2001), normalmente, o perfil do jovem da EJA é aquele que não teve uma trajetória escolar regular, que embora esteja mais ligado ao mundo urbano foi em algum momento excluído da escola, sentindo-se obrigado a abandoná-la. Já o adulto da EJA, que de alguma forma a escola também excluiu, é aquele que migra das regiões mais pobres do país, atrás de melhores condições de vida e pela falta de formação escolar assumem funções com baixos salários, e em algum momento sentem a necessidade de voltar pra escola pra tentarem minimizar a lacuna que a ausência da instrução escolar fez.

Felizmente uma nova concepção sobre educação de jovens e adultos tem sido palco de discussões e tem trazido para o contexto escolar a significância do processo de educação que produz leitores críticos que entendam as intenções dos textos ao invés de alfabetizar funcionalmente.

Portanto, é importante criar condições favoráveis para o desenvolvimento das novas necessidades criadas pela sociedade do conhecimento, com uma escolarização pautada na aprendizagem e no conhecimento, reforçando a necessidade de aprofundar a prática da educação de jovens e adultos numa perspectiva emancipatória, como pré-requisito para um processo de desenvolvimento em que todos participem.

Uma das necessidades criadas através da constante transformação da sociedade do conhecimento e que fazem parte da vida das pessoas cada vez mais, são as Tecnologias de Informação e Comunicação que são ferramentas tecnológicas que ajudam a sustentar o crescimento econômico, social, político e cultural do país.

De acordo com Ramos (2008),

Chamamos Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aos procedimentos, métodos e equipamentos para processar informação e comunicar que surgiram no contexto da Revolução Informática, Revolução Telemática ou Terceira Revolução Industrial, desenvolvidos gradualmente desde a segunda metade da década de 1970 e, principalmente, nos anos 90 do mesmo século. Estas tecnologias agilizaram e tornaram menos palpável o conteúdo da comunicação, por meio da digitalização e da comunicação em redes para a captação, transmissão e distribuição das informações, que podem assumir a forma de texto, imagem estática, vídeo ou som. Considera-se que o advento destas novas tecnologias e a forma como foram utilizadas por governos, empresas, indivíduos e sectores sociais possibilitaram o surgimento da Sociedade da Informação. (RAMOS, 2008, p.5)

Atualmente, um termo menos conhecido vem surgindo que são as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) que, de acordo com Fraporti (2016):

Podemos afirmar que as TDICs se corporificam em computadores (hardware) cada vez mais poderosos que permitem a criação de ferramentas (software) de apoio ao ensino cada vez mais sofisticado, como sistemas de tutoriais e sistemas de hipertexto, utilizando multimídias. (FRAPORTI, 2016, p.17)

Kenski (2008) fala que a mediação realizada pelas tecnologias de comunicação e comunicação (TICs) são para aproximar pessoas, possibilitar que interajam e se comuniquem, com o objetivo, de ensinar e aprender, inferindo que não são as tecnologias que vão revolucionar o ensino, mas sim a maneira como esta tecnologia é utilizada para a mediação entre professores, alunos e a informação, podendo ser revolucionária, ou não.

O governo tem tentado atuar como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) aos métodos didático pedagógicos. Um dos programas criados para atender esta demanda foi o ProInfo, Programa Nacional de Tecnologia Educacional, que a partir de 12 de dezembro de 2007, mediante a criação do Decreto nº 6.300, tem o principal objetivo de promover o uso pedagógico das tecnologias de informação e comunicação nas redes públicas de educação básica.

Quando as tecnologias são associadas à educação, estas contribuem significativamente no desenvolvimento das potencialidades humanas que é condição fundamental na formação de crianças, jovens e adultos em cidadãos críticos, autônomos, solidários e competentes. Consequentemente, ninguém pode ficar por fora desse avanço.

Sendo assim, a presente pesquisa também investiga os aportes que a escola proporciona para que de fato esses sujeitos sejam incluídos digitalmente na sociedade, e sondar a percepção do aluno da Educação de Jovens e Adultos sobre a relevância das tecnologias da informação.

Desta maneira, este trabalho parte da realidade atual da sociedade, do aumento significativo de jovens e adultos não letrados, do avanço da globalização na sociedade contemporânea, da urgência da alfabetização associada ao letramento e da necessidade de incluir digitalmente os jovens e adultos da EJA para que estes sejam aproximados do constante desenvolvimento tecnológico.

Galvão e Di Pierro (2007) afirmam que a alfabetização é considerada um dos pilares da cultura contemporânea por que a leitura e a escrita é uma ferramenta que permite o desenvolvimento de outras habilidades valorizadas no modo de vida das sociedades urbano-industriais permeadas pela ciência e tecnologia.

1.1.2 A inclusão digital dos alunos da EJA na sociedade globalizada e a contribuição da escola para o significativo avanço desses sujeitos no manejo do computador

Podemos afirmar que vivemos em uma sociedade capitalista, globalizada e interligada e que esta nova sociedade tem a capacidade de incluir e excluir aqueles que não estão de acordo com o seu funcionamento. A inclusão digital acontece, no mundo todo de forma mais acelerada que o previsto. A ampliação dos serviços de banda larga, os equipamentos móveis como celulares e tablets, a queda no preço dos equipamentos e outros acontecimentos estão gradativamente fazendo com que o acesso aos computadores e a Web seja mais expandido.

Assim as novas tecnologias passam a ter uma função imprescindível como ferramentas de acesso à informação, interação social e profissional, e nesta relação a exclusão se acentua quando falamos de pessoas que não acompanharam a evolução e sim se encontraram diante dela, e entre muitas destas situações existentes estão os jovens e adultos da EJA.

De acordo com Lemos (2011), existem dois tipos de inclusão: a espontânea e a induzida. A inclusão espontânea é uma integração obrigatória dos indivíduos na sociedade da informação onde eles são obrigados a lidar com sistemas informatizados

de tipos variados como, por exemplo, o uso de cartões eletrônicos de débito e crédito, a operação em máquinas bancárias, o envio de imposto de renda pela internet, a votação eletrônica em eleições, o acesso eletrônico a exames laboratoriais, o checkin pela Web em viagens de avião, o uso de SMS e outros serviços via telefone celular, entre outros, são alguns exemplos bem conhecidos por nós. E a inclusão induzida é o resultado de um trabalho educativo e de políticas públicas que tem a finalidade de dar oportunidades a uma grande parcela da população excluída do uso e dos benefícios da sociedade da informação. Ele ainda ressalta que:

Esse é o desafio, não apenas brasileiro, mas mundial. A inclusão é um problema cultural e não apenas econômico ou cognitivo. Países com uma população financeiramente equilibrada enfrentam também problemas, seja de rejeição ou de desconhecimento das potencialidades das TIC, seja de faixa etária ou problemas de gênero, de imigração ou outros.[...] Certamente o problema da inclusão digital não é apenas econômico e não afeta apenas países pobres e/ou em desenvolvimento. (LEMOS, 2011,p.17)

Os alunos da EJA tem uma característica própria que os configuram sujeitos que não tiveram oportunidade de seguir os estudos formais na época correspondente com idade/série, pois são alunos provenientes de camadas mais pobres da população e já inseridos no mundo do trabalho desde muito cedo. Na maioria dos casos, os alunos nunca tiveram contato com computadores ou outras tecnologias e em outras vezes o contato já aconteceu de forma precária e informal.

Logo, numa perspectiva de inclusão induzida, a educação precisa dar conta das novas exigências culturais e sociais, fazendo-se necessário incorporá-las no ato educativo, inserindo-as no contexto, utilizadas pela escola no processo de ensino e aprendizagem dos alunos da Educação de Jovens e Adultos. Pautada numa visão de que se pode aprender em todos os lugares, a escola, por meio dos recursos tecnológicos, deve ampliar o acesso ao conhecimento promovendo uma educação de qualidade e finalidade prática para estes alunos.

O contexto social atual exige o uso das tecnologias e explorá-las muda a forma de agir, de viver e de se relacionar dos indivíduos e é a escola que vai proporcionar a inclusão digital dos alunos da Educação de Jovens e Adultos, pois será através de projetos de inclusão desenvolvidos nela que os alunos terão um crescimento social, cultural e intelectual, pois de acordo com Lemos, “os projetos de inclusão digital devem fazer crescer os capitais social, intelectual e cultural. Deve-se ir além dos fatos ou dos artefatos. A inclusão pressupõe autonomia, liberdade e crítica.” (2011, p.19).

Sabemos que o papel da escola é preparar para a vida, e isso envolve mais do que ensinar conteúdos ou habilidades determinadas nos currículos. O educar para a vida envolve preparar o aluno para que ele consiga lidar com os problemas pessoais e sociais, conhecer seus deveres e direitos, ter um bom relacionamento com outros em diversos ambientes e principalmente ter autonomia, sendo o maior desafio que a escola tem que enfrentar hoje. É essa autonomia que os alunos da Educação de Jovens e Adultos precisam descobrir dentro da escola, e a inclusão digital vai favorecer nesse aspecto.

Uma das possibilidades das tecnologias digitais, também em contextos educativos, está no resgate da escola como espaço de formação abundante do aluno e na recuperação de sua cultura popular, ocasionando situações para que o dia a dia escolar não seja visto como espaço de rotina, mas como espaço de reflexão crítica e expressão, favorecendo um novo sentido para a aprendizagem na escola, onde o conhecimento, as relações sociais, e as experiências culturais contribuirão como base no desenvolvimento particular de cada aluno.

Bonilla e Oliveira concordam que a cultura digital deve ser considerada como parte integrante dos processos pedagógicos e das aprendizagens dos alunos quando diz que

É necessário perceber que os espaços tecnológicos, nas escolas, configuram centros públicos de acesso às TIC e, portanto, de constituição da cultura digital, além da possibilidade de se constituírem efetivamente em espaços pedagógicos com as tecnologias disponíveis para a mobilização das aprendizagens dos alunos. (BONILLA; OLIVEIRA, 2011, p.40)

É necessário elaborar uma proposta metodológica de ensino eficiente de informática aplicada a EJA, que evite a exclusão social estimulando a inserção destes jovens e adultos no mundo globalizado e informatizado, que desperte a consciência dos professores para a necessidade de propiciar um ensino de atitudes e atribuições éticas e profissionais no uso destas ferramentas tecnológicas.

É importante lembrar que inclusão digital não é uma solução para os embaraços da sociedade atual como, pobreza, desigualdade social, carências educacionais, injustiça social, desemprego e outros. A inclusão digital aqui defendida é a apropriação da tecnologia presente na atualidade, para proporcionar o desenvolvimento das pessoas em

diferentes ângulos, para promover maior liberdade social, intensificando a construção de uma sociedade ativa e instruída.

Este trabalho de Conclusão de Curso mostra, através das experiências e vivências no cotidiano do projeto de inclusão digital desenvolvido pelo GENPEX, no contexto de uma escola pública do Paranoá, que o meio digital oferece muito mais do que podemos perceber, pois este tem um potencial de cognição e subjetivação. Os sujeitos contemplados pelo projeto descobrem-se como seres capazes e competentes ao utilizar o computador, possibilitando a descoberta de habilidades, levando-os a ter mais credibilidade em si mesmos mostrando para outros do que é capaz.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Verificar quais significados os alunos da EJA estão atribuindo à importância de acompanhar as transformações das Tecnologias da Informação e da Comunicação, compreendendo as possíveis contribuições do uso do computador na alfabetização e letramento de sujeitos jovens e adultos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Avaliar a pertinência da alfabetização de jovens e adultos auxiliada pelo uso do computador no processo alfabetizador e ao mesmo tempo cooperar no letramento digital.

- Estabelecer o perfil do aluno da EJA, verificando se este tem a percepção de que as TIC's são instrumentos para aprimorar seus conhecimentos levando-os a grandes avanços de pesquisas e de aprendizagem.

- Propor atividades de alfabetização por meio do uso do computador, que auxiliem a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos da EJA.

CAPÍTULO 2

LIMITES E POSSIBILIDADES DO USO DO COMPUTADOR NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

As tecnologias da Informação têm se aproximado cada vez mais da educação, mostrando a necessidade e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem. É claro que esta é uma revolução que a maioria dos educadores, precisarão se inteirar para desfrutar o que estas novas mudanças têm para oferecer. E uma das questões é que sem o conhecimento técnico é impossível implantar soluções pedagógicas inovadoras e, sem o pedagógico os recursos técnicos disponíveis serão inadequadamente utilizados. É uma relação recíproca em que um depende do outro pra que haja uma perfeita harmonia.

O educador precisa notar o que cada uma das tecnologias tem a oferecer e como podem ser utilizadas em várias situações educacionais, como por exemplo, em algum momento a TV foi mais apropriada do que o computador ou vice-versa. Mesmo com relação ao computador, existem inúmeras aplicações que podem ser realizadas a depender do conteúdo que está sendo aprofundado ou dos objetivos que o educador quer atingir.

As facilidades técnicas oferecidas pelos computadores permitem uma ampla diversidade de atividades que professores e alunos da EJA podem realizar, mas por outro lado, essas inúmeras atividades podem ou não estar contribuindo para o processo de construção de conhecimento, pois se o aluno tem acesso a informações relevantes mas descontextualizadas, elas não estarão criando oportunidades nem permitindo a construção de novos conhecimentos.

Assim sendo, a experiência pedagógica do professor é fundamental para perceber se a realização dessas atividades está mesmo contribuindo na construção de novos conhecimentos ou não, para que as atividades com computador não sejam limitadas, estas não devem ser feitas sem antes serem analisadas, discutidas e criticadas em sala de aula, cabendo ao professor estimular essa reflexão crítica para que os conhecimentos construídos pelo sujeito que está aprendendo sejam uma oportunidade de compor e transformar a si próprio e ao meio com o qual convive.

De acordo com Coelho e Cruz (2007), pode-se observar também outros problemas que limitam o uso do computador na alfabetização de jovens e adultos que

são: a lentidão nas operações de manutenção das máquinas existentes; a inexistência de *softwares* educativos diversos e específicos de cada disciplina e a ausência de um profissional que apoie o professor para ajudar os alunos durante o uso do computador no laboratório.

Portanto, rever os meios de ensino e a atualização das práticas dos professores no contexto atual, significa utilizar uma das possibilidades para inovar a forma de ensinar e contextualizar o sujeito cidadão no seu tempo e espaço, a partir de uma visão crítica e emancipadora que estabeleça estratégias e métodos de superação da condição opressor/oprimido que encontramos na sociedade. Assim a escola promoverá aprendizagens que constituirão uma inserção dos grupos populares nas esferas sociais, profissionais e culturais.

Coelho e Cruz (2007) afirmam que são várias as possibilidades do uso do computador na alfabetização de jovens e adultos, como por exemplo: a colaboração mútua dos alunos ao elaborar suas produções e suas pesquisas usando o computador como um meio de interação social para a construção do próprio conhecimento, a melhoria na elaboração e revisão do texto, pois com caneta e papel pode ser que eles deem mais atenção ao desenhar da letra do que ao conteúdo do texto, além do significativo aumento da autoestima dos alunos da EJA ao serem incluídos no mundo digital, estando à altura da sociedade informatizada. Coelho e Cruz ainda reiteram que:

Dependendo da maneira que as tecnologias digitais forem utilizadas, tanto podem libertar como domesticar, ampliando os problemas existentes ou criando outros. Porém, se sua iniciação no mundo digital colocar o educando como o sujeito de seu processo de aprendizagem, esse será, de fato, um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. (COELHO; CRUZ, 2007, p.13)

A educação de Jovens e adultos precisa aprofundar as discussões sobre a inserção do computador nas práticas pedagógicas e no cotidiano escolar destes, sendo de grande importância incluí-los em ambientes informatizados nas instituições educacionais para saírem da condição de excluídos propiciando-lhes a consciência de sua capacidade para interferirem nas suas realidades.

Uma questão que também dificulta a integração dos recursos tecnológicos em sala de aula na Educação de Jovens e Adultos é o olhar ultrapassado e compensatório que ela possui. Muitos pensam que só porque essa modalidade de ensino abrange um público de alunos adultos ou idosos, não há necessidade de utilizar os recursos

tecnológicos em sala de aula, pois acreditam de maneira ridícula que o eixo dessa educação é alfabetizar ou ensinar o básico para conseguir um diploma.

Com a cristalização deste pensamento costumeiro, pouco se é feito no que diz respeito a investimento, a incorporação de recursos tecnológicos e novas metodologias a serem utilizadas pelo professor para essa modalidade de ensino. É relevante o reconhecimento de que a educação não se restringe somente à escola e que não existe uma forma pré-definida de aprender, pois só assim o professor utilizará diversos recursos aumentando a disposição dos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Para que haja melhoria na qualidade de ensino na educação desses Jovens e Adultos é necessário primeiramente, refletir sobre as dificuldades que a Educação de Jovens e Adultos enfrenta atualmente, bem como, uma mudança de percepção por parte do governo e dos professores, na busca de uma educação igualitária, que atenda as exigências sociais tecnológicas.

No trecho de um vídeo, da NOVA ESCOLA, do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores a (Profa), do MEC, Emília Ferreiro fala sobre o uso dos computadores para jovens e adultos, como uma alternativa para alfabetização de sujeitos que na maioria das vezes executam trabalhos pesados e tiveram contato apenas com papel e lápis. Ela afirma que oferecer-lhes um outro instrumento para executar os trabalhos dando-lhes acesso ao mundo tecnológico, pode despertar maior interesse nas tarefas da sala de aula.

Podemos afirmar que o uso do computador é uma alternativa de alfabetização e letramento e um direito que o educando da EJA tem de acesso às tecnologias. Não é por ser um sujeito que nunca teve contato com um computador que não possa utilizar este método, sendo necessário respeitar seus saberes incentivando-o a transpor seus limites para que a educação tenha significado.

Não há como duvidar que os usos de computadores e dos laboratórios de informática colaboram no aprendizado, mas a questão é saber de que maneira estes programas estão sendo escolhidos e utilizados, se estão sendo usados a favor do aluno de forma que este apreenda os conceitos e os utilize na sua vida pessoal e profissional com resultados satisfatórios.

Coelho e Cruz ainda alertam para a necessidade de ficarmos atentos aos pressupostos filosóficos, políticos e pedagógicos que estão implícitos à inserção das novas tecnologias na escola, pois estas não são neutras e incorporam e materializam interesses e características de sociedades dominantes. Segundo as autoras:

Há que se ficar mais atentos ainda aos discursos essencialmente otimistas, que apontam o computador como a solução para os problemas educacionais e que a Informática Educativa ajudará a fazer desaparecer o analfabeto no letramento e na tecnologia. Ou ainda, um discurso que padece da influência do poder da ideologia burguesa e sua tentativa de mostrar que a finalidade da educação é a de “preparar o homem para uma sociedade em estado de mutação”, ou seja, preparar o homem para a adaptação ao mercado de trabalho de modo a servir melhor ao funcionamento do sistema. (COELHO; CRUZ, 2007,p.4)

Paulo Freire também concorda que as comunicações expressam algo em favor ou na defesa de algum ideal contra outro, sendo indispensável uma postura crítica em relação aos avanços tecnológicos, investindo no uso ético das TIC's em favor de uma melhor qualidade de vida da humanidade. Segundo ele, “O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem, para mim sua significação” (FREIRE, 1996, p. 49).

2.1 Porque alfabetizar letrando?

Segundo Morais e Albuquerque (2004), em relação à aprendizagem da língua escrita, muitas escolas públicas e particulares do nosso país ainda tratam a aprendizagem do alfabeto e sua utilização como código de comunicação que se resume a aquisição das habilidades mecânicas de codificação e decodificação do ato de ler e escrever, priorizando a dimensão individual do letramento que, de acordo com os autores, corresponde ao conjunto de habilidades individuais relacionadas à leitura e a escrita. Porém, esta forma de escolarização não garante a formação de leitores escritores. Morais e Albuquerque concordam que:

Democratizar o acesso ao mundo letrado não significa encher a sala de aula de recorte de jornal, rótulos, embalagens, cartazes publicitários e colocar livros numa estante. Pressupõe, isto sim, que o aprendiz possa vivenciar, no cotidiano escolar, situações em que textos são lidos e escritos porque atendem a uma determinada finalidade. Essa pode ser a busca de puro prazer, a busca de informação para alcançar uma meta, a necessidade de registrar algo que não pode ser esquecido, etc. Mas trata-se de ler e produzir textos! (MORAIS; ALBUQUERQUE, 2004, p.69,70)

Assim, está mais que provado que além de alfabetizado o sujeito precisa ser letrado, pois só a partir desta perspectiva que a capacidade de interpretar, compreender, criticar, resignificar e produzir conhecimento, serão concretizadas, abrindo caminho para o acesso a usos sociais da leitura e da escrita envolvendo também o desenvolvimento de novas formas de compreensão, e o uso da linguagem de uma maneira geral.

A alfabetização e letramento de um indivíduo promove sua socialização possibilitando o estabelecimento de novos tipos de trocas simbólicas com outros indivíduos, promovendo o exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo. De acordo com Val,

Considerando-se que os alfabetizados vivem numa sociedade letrada, em que a língua escrita está presente de maneira visível e marcante nas atividades cotidianas, inevitavelmente eles terão contato com textos escritos e formularão hipóteses sobre sua utilidade, seu funcionamento, sua configuração. Excluir essa vivência da sala de aula, por um lado, pode ter o efeito de reduzir e artificializar o objeto de aprendizagem que é a escrita, possibilitando que os alunos desenvolvam concepções inadequadas e disposições negativas a respeito desse objeto. Por outro, deixar de explorar a relação extra-escolar dos alunos com a escrita significa perder oportunidades de conhecer e desenvolver experiências culturais ricas e importantes para a plena integração social e o exercício da cidadania. (VAL, 2006, p.19)

É importante lembrar que um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado, e não o sendo apresenta dificuldades no desenvolvimento de algumas atividades de leitura e escrita. Já o indivíduo que foi alfabetizado e letrado é aquele que consegue ler e escrever respondendo compativelmente às demandas sociais da leitura e da escrita, sendo que esta é uma prática e um meio pelo qual o indivíduo adquire conhecimento, pois o saber é poder na era do conhecimento e da informação. E o letramento tem esse papel transformador no indivíduo. Portanto, é essencial alfabetizar letrando, pois só assim o aluno estará inserido numa cultura letrada. Segundo Val,

Ter clareza quanto à diversidade de usos e funções da escrita e às incontáveis possibilidades que ela abre é importante tanto do ponto de vista conceitual e procedimental, para que o aluno seja capaz de fazer escolhas adequadas, ao participar das práticas sociais de leitura/escrita, quanto do ponto de vista atitudinal, porque o interesse e a própria disposição positiva para o aprendizado tendem a se acentuar com a compreensão da utilidade e relevância daquilo que se aprende. (VAL, 2006, p.20)

A alfabetização deve ser desenvolvida num contexto de letramento para assim desenvolver habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais, trazendo um caráter prático a esse aprendizado, entendendo que a alfabetização e o letramento

possuem conceitos diferentes, mas devem ser contemplados de maneira articulada, produtiva e simultânea.

Assim, Albuquerque, Morais e Ferreira afirmam que:

Concebemos *alfabetização* como o processo de apropriação da escrita alfabética, ou seja, a compreensão, por parte dos sujeitos, dos princípios que regem esse sistema notacional. Já *letramento* se relaciona aos usos efetivos da escrita em atividades de leitura e escrita de textos, em contextos diversos. O primeiro estaria relacionado, portanto, à aprendizagem da notação alfabética, enquanto o segundo envolveria o uso e produção da linguagem que se usa ao escrever, isto é, dos gêneros textuais escritos que circulam nas interações sociais. (ALBUQUERQUE; MORAIS; FERREIRA; 2010,p.18)

Portanto os saberes e fazeres dos alunos da educação de Jovens e Adultos devem integrar e contribuir com as práticas de letramento da escola para intensificar de forma significativa o alfabetizar e o letrar destes. Por isso é importante discutir sobre a alfabetização e o letramento na educação de jovens e adultos, percebendo também o quanto seus contextos de vida estão entrelaçados a estes processos.

E importante lembrar que a alfabetização e o letramento de jovens e adultos é um desafio não só para o governo, universidades, professores e para a sociedade. É, principalmente, um desafio para o próprio aluno da EJA. Portanto, é imprescindível que as bases do conhecimento oferecidas a este aluno devam abranger aspectos sócio-econômico-político-culturais, que visem à construção da consciência crítica e reflexiva deste. Freire nos afirma que:

Na medida em que os alfabetizandos vão organizando uma forma cada vez mais justa de pensar, através da problematização de seu mundo, da análise crítica de sua prática, irão podendo atuar cada vez mais seguramente no mundo. A alfabetização se faz, então, um quefazer global, que envolve os alfabetizandos em suas relações com o mundo e com os outros. Mas, ao fazer-se este quefazer global, fundado na prática social dos alfabetizandos, contribui para que estes se assumam como seres do quefazer – da práxis. Vale dizer, como seres que, transformando o mundo com seu trabalho, criam o seu mundo. Este mundo, criado pela transformação do mundo que não criaram e que constitui seu domínio, é o mundo da cultura que se alonga no mundo da história.(FREIRE, 1981, p.17)

É indispensável compreender como se dá o processo de aprendizagem dos jovens e adultos num processo de ensino voltado para uma educação integral, que considere os aspectos sociais, afetivos e cognitivos dos alunos. É preciso conhecer mais profundamente o que sabem, o que pensam e como aprendem os jovens e adultos em processo de alfabetização pois quando estes retornam a escola precisam, além do conhecimento, de motivação. Motivação esta que os educadores devem sempre ressaltar

oferecendo um tratamento especial para que o aluno se desenvolva, aumentando assim sua autoconfiança, deixando-o muito mais a vontade.

A necessidade da alfabetização e letramento de jovens e adultos urge a cada dia em um país onde as diferenças culturais e sociais demonstram ser o bloqueio para o sucesso e a estabilidade econômica do povo. Logo, o baixo nível de instrução das camadas sociais desprovidas de condições para cultivar a educação e a cultura torna a participação crítica da sociedade quase ineficaz, fazendo com que o indivíduo se prive de sua capacidade crítica de cidadão, evitando a construção de uma nova visão política, econômica e social.

Sendo assim, a alfabetização e o letramento são necessários para que os indivíduos se tornem aptos a ler e entender as diferentes mensagens que o mundo transmite.

2.2 Imigrantes e Nativos Digitais

É importante considerar que a era digital gerou novas necessidades nas mentes e no comportamento humano, portanto já é possível identificar alguns níveis que envolvam pessoas e tecnologia, são os chamados: “nativos digitais” e “imigrantes digitais”. Os nativos digitais são os nascidos nos últimos tempos onde toda essa tecnologia já vigorava quando nasceram. Essa geração se caracteriza por não precisar tanto do uso do papel nas tarefas, mas do computador e dispositivos móveis, escolhendo através de simples toques nas telas de seus tablets ou smartphones o que querem aprender, ler, ouvir ou assistir.

Já os adultos que nasceram antes da década de 1980, incluindo em sua maioria os educadores de hoje, podem ser considerados imigrantes digitais. Também podemos inferir que os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, em sua maior parte, são imigrantes digitais, pois este sujeito ou não têm contato com as tecnologias informatizadas ou envolveu-se pouco com elas.

Ou seja, aqueles que estão se engajando na grande quantidade de inovações que estão por toda a parte são chamados, imigrantes digitais, pois, não nasceram na era digital, mas estão aprendendo a lidar com a tecnologia, fazendo um esforço enorme para aprender esta nova língua para enfrentar as rápidas transformações geradas por ela, e ainda em alguns casos têm aqueles que até mesmo se recusam a aceitá-la.

Quando analisamos o impacto que as inovações oriundas da sociedade da informação ou da era digital causam na educação, é possível perceber que hoje existe uma infinidade de recursos tecnológicos, os quais influenciam o modo de estudar, de aprender, pesquisar e perceber sua cultura e seu mundo. Mas o imigrante digital, nesse contexto, enfrenta o desafio ou o dilema de apropriar-se desses recursos e utilizá-los de forma significativa no seu processo de ensino aprendizagem, necessitando conviver e interagir com os nativos digitais além de ter que conviver em meio a tantas inovações tecnológicas. Prensky (2001) diz que:

É importante fazer esta distinção: como os Imigrantes Digitais aprendem – como todos imigrantes, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de um manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo. Atualmente, os mais velhos foram “socializados” de forma diferente das suas crianças, e estão em um processo de aprendizagem de uma nova linguagem. E uma língua aprendida posteriormente na vida, os cientistas nos dizem, vai para uma parte diferente do cérebro. (PRENSKY, 2001, p.2)

De acordo com Santos, Scarabotto e Matos (2011), os imigrantes digitais nasceram em outro meio, não dominado pelas tecnologias digitais, seu modo de aprender foi outro e dessa forma a convivência entre nativos e imigrantes pode ser conflitante. Com relação a isso, Bassalo e Weller dizem que,

Trata-se da geração dos *nativos digitais*, que, muitas vezes, desconhece as dificuldades dos *migrantes digitais*, ou seja, da geração mais velha que conheceu as diferentes etapas da era digital e nem sempre conseguiu acompanhar as novas invenções na velocidade de seu tempo. Nesse sentido, fazer uso de ambientes virtuais para comunicar opiniões, sentidos, interagir, aproximar-se de alguém constitui uma alternativa comum, que não causa estranheza. (BASSALO; WELLER, 2015,p.235)

2.3 A importância da alfabetização digital na Educação de Jovens e Adultos

Ao falarmos de alfabetização digital estamos nos referindo ao preparo e conhecimento para utilizar as Tecnologias de Informação e Comunicação de forma plena, ou seja, explorando suas inúmeras possibilidades, em suas diferenciadas plataformas, integrando as ferramentas encontradas para melhorar o desempenho, a ação e a condição de trabalho e realização.

Quer dizer, por exemplo, entender como funcionam recursos como processadores de texto, apresentações em slides, comunicadores virtuais, redes sociais,

ferramentas de edição de vídeos e músicas e inúmeras funcionalidades que estão presentes no mundo digital. Portanto, dominar as tecnologias passou a ser uma necessidade básica para estar incluído socialmente numa sociedade informatizada. Lemos destaca que,

Se ler é uma forma de inclusão desde a Grécia antiga até o início da era moderna; se entender o audiovisual (os mídia de massa) e saber “ler” as informações que nos são despejadas diariamente por centros de informação é uma necessidade para se incluir na sociedade industrial; então, saber lidar com os novos dispositivos e as redes telemáticas são hoje condições necessárias e imprescindíveis para inclusão social na sociedade da informação.(LEMOS, 2011,p.19)

Não obstante, nos últimos tempos, dominar as tecnologias passou a ser uma necessidade básica de aprendizagem, pois existe uma evidente carência de informação e formação quanto ao uso das tecnologias da informação por grande parte da população e embora as escolas das redes públicas de ensino estejam incorporando as tecnologias em suas ações pedagógicas e administrativas, revelando a necessidade de uma educação com melhores resultados, e, com, maior qualidade, ainda existem lacunas enormes que não foram preenchidas e que repercutem na sociedade. Gomez diz que:

Assim como a leitura e a escrita representaram um avanço tecnológico, educativo e, portanto, cultural -- ampliado e generalizado a partir da imprensa --, a alfabetização digital também encontra-se ancorada em um fato tecnológico, cultural e educativo. A cultura gerada em torno ao uso generalizado do computador na vida cotidiana criou possibilidades de relações sociais de enorme impacto socio-educativo, econômico e político em nível local e global. (GOMEZ, 2002, p.4)

Compreender o funcionamento dos recursos tecnológicos é a primeira tarefa para quem quer manipular as tecnologias. E para que haja compreensão sabemos que é necessária uma dedicação de esforço e tempo tanto da parte do usuário que ainda está em fase de adaptação quanto da parte de quem está ensinando. Aprender a manusear os computadores tem se tornado elemento importante para que as pessoas percebam seu potencial e a possibilidade de se desenvolver por conta própria, em processo de autoaprendizagem, capacitando-se individualmente, voluntariamente, motivados pela admiração trazida pelos computadores e pela internet. De acordo com Buzato,

As interações giram basicamente em torno das interfaces e de suas funcionalidades, a apropriação toma a forma de um reconhecimento cartográfico da tela e de uma familiarização com termos e parâmetros de sua linguagem, etc.. Reconstroem-se ali, a princípio, os significados pré-supostos que permitirão àquelas pessoas galgar outros modos de relacionamento com o computador, outras interpretações. Faz-se, em suma, a “alfabetização digital”. (BUZATO, 2007, p.237)

Mas também a alfabetização digital não pode ser pensada apenas como capacitação tecnológica, devendo ser, indiscutivelmente, pensada, proposta, entendida e analisada como recurso que gera a compreensão do poder das ferramentas e do universo digital, suas consequências e responsabilidades, sendo imprescindível ter um compromisso que vai além do interesse individual, percebendo também o respeito em favor dos interesses coletivos.

Assim as tecnologias consistem na evolução da humanidade, condição de suma importância que precisa ser integrada ao cotidiano dos alunos da educação de jovens e adultos, como de fato já está a acontecer em algumas escolas que estão incorporando recursos e valorizando o que essa evolução significa.

Logo, no atual contexto de uma sociedade tecnológica não é suficiente apenas uma alfabetização letrada, mas é importantíssimo estar inserido no mundo da tecnologia, isto é, uma alfabetização digital que anda junto com a alfabetização letrada para que haja uma completa democratização do conhecimento.

2.4 Como a tecnologia pode favorecer a alfabetização?

No início do século XXI as tecnologias passaram a ser utilizadas, numa perspectiva estruturante de uma nova educação, com o objetivo de expressar a diversidade das culturas e dos processos pedagógicos. Assim as tecnologias colaboram na aprendizagem e através delas os alunos melhoram suas habilidades, associando os saberes já adquiridos e construindo novos.

Logo, subentende-se que o contato com as novas tecnologias favorece e muito a inclusão social e laboral de jovens e adultos, sendo que é o professor quem exercerá o papel preponderante que vai estabelecer essa relação das novas tecnologias com o educando, mas para que o professor seja capaz de integrar a informática nas atividades pedagógicas de forma eficaz, faz-se necessária uma formação especializada.

Sabemos que o adulto quando entra na educação formal tem certas prioridades e preferências em inovar seus conhecimentos. Por isso todo recurso que aumente seu aprendizado, antecedendo o desenvolvimento, será um meio para que o aluno adulto motivado não se desanime no andamento do processo, mas, perceba que seu objetivo está sendo atingido ainda que paulatinamente.

Barros e Carvalho (2011) afirmam que:

O processo de aprendizagem pelo qual o sujeito passa quando está diante de um objeto de conhecimento pode ser observado sob várias concepções, todavia, quando se entende que a aprendizagem é um processo ativo que conduz a transformações no homem, o olhar se desvia para uma orientação em que o processo se estabelece pelas relações, sobretudo, pelas relações sociais. Esta ideia nos remete a Vygotsky (1998), para quem a questão da relação entre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem é central. Mas é o aprendizado que possibilita o despertar de processos internos de desenvolvimento, ou seja, o aprendizado precede o desenvolvimento. (BARROS; CARVALHO, 2011, p.221)

Embora todos tenham direito básico à comunicação e à educação dos saberes indispensáveis à integração na sociedade informatizada, é necessário que os alfabetizados adultos disponham de um conhecimento tecnológico que lhes possibilite novos horizontes.

Verifica-se, portanto, que oportunizar o acesso às tecnologias no ambiente escolar é, para a Educação de Jovens e Adultos, um mecanismo de inclusão no mundo digital, sendo rico em conteúdos para serem pesquisados favorecendo a alfabetização, e é um recurso interessante e necessário para além de aprender a ler e a escrever.

As TIC's tem o potencial de ampliar a capacidade crítica e criativa dos alunos da EJA, principalmente porque são pessoas que tem a perspectiva de serem incluídas como capazes de competir no mercado de trabalho, e serem independentes.

CAPÍTULO 3

ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta proposta de Trabalho de Conclusão de Curso sistematiza as ações que foram realizadas no contato participativo com os sujeitos, possibilitando a reflexão de questões geradas nas etapas em construção do referido trabalho e o Projeto de Inclusão Digital do GENPEX realizado na Escola Ipê Amarelo do Paranoá é retratado no desenvolvimento do mesmo.

Assim, de acordo com os objetivos, o trabalho se inclui em uma pesquisa de caráter qualitativo em educação, pois se apoia em responder de maneira evidente e eficiente a uma investigação no campo educativo e, como nos afirma Flick (2009, p. 37): “pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”.

Os autores Bogdan e Biklen (1994) afirmam que a abordagem da pesquisa qualitativa com observação participante, deve considerar tudo que acontece no ambiente que está sendo investigado, pois isto é imprescindível para clarificar o objeto de estudo.

Logo, de acordo com Flick (2009), a pesquisa qualitativa abrange conceitos que são aprimorados e rebuscados no processo da pesquisa, partindo da ideia de que teoria e prática devem se ajustar uma à outra incluindo a busca de respostas para transformar o mundo, sendo também uma ferramenta da pesquisa social para entendê-lo e produzir conhecimento sobre ele.

A pesquisa foi construída pelo diálogo com os educandos, norteadas pelo planejamento coletivo, como também observando as conversas e as impressões dos alunos da turma sobre as aulas de informática oferecidas, pois de acordo com Bogdan e Biklen:

Os investigadores qualitativos frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 47)

Segundo Flick (2009), para a produção e análise dos dados gerados na pesquisa qualitativa, nos valem da inserção na prática, enfatizando os pontos de vista subjetivos dos sujeitos e a reflexão do pesquisador como parte do processo de produção do conhecimento.

Assim sendo, neste trabalho de pesquisa, houve a preferência pelas anotações descritivas dos acontecimentos e relatos orais feitos pelos educandos nas rodas de conversas, durante as atividades no laboratório de informática, na sala de aula e em conversas informais. Para haver uma melhor sistematização de toda a construção do trabalho, estas observações foram pontualmente registradas no diário de bordo, que desde o início do presente trabalho foi sugerido como uma forma de descrevermos nossas impressões sobre o que seria vivenciado.

A pesquisa foi realizada com educandos da Educação de Jovens e Adultos da 1ª etapa do primeiro segmento do Ensino Fundamental, e trata da inclusão digital como parte da prática pedagógica com uma proposta político-pedagógica de proximidade dos alunos de EJA com a globalização, articulando o sujeito com suas aspirações.

Em conjunto com a observação participante, para uma melhor investigação das práticas realizadas no laboratório de informática, decidiu-se trabalhar também com a técnica de entrevista semiestruturada, que tem caráter qualitativo que, segundo Bogdan e Biklen:

Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.134)

O instrumento de pesquisa utilizado teve a finalidade de trazer maior clareza das significações particulares de cada educando, uma melhor percepção das diferenças individuais deles e unificar as informações coletadas no trabalho para uma melhor análise dos dados pesquisados.

Na análise de dados, utilizei a análise de conteúdos que é uma técnica de pesquisa para tornar replicáveis e validar inferências de dados de um contexto que

envolve procedimentos especializados para processamentos de dados de forma científica. De acordo com Roque (1999):

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias. (ROQUE, 1999, p.2)

CAPÍTULO 4

A EXPERIÊNCIA DO GENPEX NA SALA DE INFORMÁTICA E NA SALA DE AULA NA ESCOLA IPÊ AMARELO DO PARANOÁ.

4.1 A Escola Ipê Amarelo do Paranoá e a Educação de Jovens e Adultos

A Escola Ipê Amarelo do Paranoá faz parte da Regional de Ensino do Paranoá, pertencente ao Governo do Distrito Federal e é uma instituição pública que atende a Educação de Jovens e Adultos no período noturno. A escola se encontra na Região Administrativa do Paranoá/DF e atende à Educação Infantil, Educação Fundamental, e a Educação de Jovens e Adultos em seu 1º segmento desde o ano de 2013. Essa integração da Educação de Jovens e Adultos ocorreu devido à intervenção do movimento popular que em parceria com a Secretaria de Educação do DF identificou a necessidade de implantação dessa modalidade na referida escola.

Esta escola foi construída nos anos 1980 e entregue à comunidade em junho de 1990, possuindo 15 salas de aula, cantina, sala dos professores, sala de direção, almoxarifado, uma sala de recursos, uma quadra de esportes, uma sala de informática e uma biblioteca, sendo que as duas últimas são utilizadas pelos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

E no que diz respeito a recursos materiais, a escola tem material disponível para utilização, tais como: salas de aula com televisão e ventilador, data show, aparelho de som, jogos e brinquedos para o momento de intervalo dos estudantes.

A organização das salas de aulas é feita da seguinte maneira: cadeiras enfileiradas com a mesa do professor na frente e o quadro branco atrás, decoração e desenhos infantis distribuídos por toda sala, o alfabeto que apresenta as letras em suas formas, palavras e desenhos que fica acima do quadro branco, subtendendo-se assim que a Escola Ipê Amarelo do Paranoá é toda preparada para receber a educação infantil. No período noturno, onde se concentra a Educação de Jovens e Adultos, as turmas são bem heterogêneas e a média é de 25-28 alunos por cada uma.

A escola recebe o público do Itapoã, Lago Norte e Paranoá, sendo desta a grande maioria. A faixa etária das turmas de Educação de Jovens e Adultos está entre 28 e 88 anos, sendo a maioria formada por mulheres e a religião predominante é a católica seguida da evangélica.

De acordo com os dados da CODEPLAN (2015), da população total do Paranoá, o percentual dos que não estudam é de 70,09%. Dos que estudam 24,07% frequentam a escola pública, 0,30% em período integral e os outros 5,54% em escolas particulares. Os dados também demonstraram que quase metade da população (43,94%) tem ensino fundamental incompleto, e o número de analfabetos na região representam 4,03%.

Com base na vivência e nas atividades realizadas com os alunos, descobrimos que a grande maioria deles vieram da região do nordeste brasileiro e um dos predominantes motivos para não terem sido escolarizados na idade/serie correspondente, foi a necessidade de trabalhar muito cedo para garantir a própria sobrevivência. Motivo recorrente de sujeitos que frequentam a Educação de Jovens e adultos.

4.2- Breve referência às origens da parceria GENPEX e contextualização da criação da sala de informática

Este trabalho se originou do Projeto de Pesquisa desenvolvido no contexto do GENPEX - Grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão em Educação Popular e Estudos Filosóficos e Histórico-Culturais - que conta com a parceria da UnB e da Faculdade de Educação, por meio do Grupo de Pesquisa GENPEX e CEDEP - Centro de Cultura e Desenvolvimento do Paranoá GDF Governo do Distrito Federal - com uma relação dialógica construída há 30 anos, que, além da frente Paranoá, o GENPEX atua com outros espaços formativos, no caso a Socioeducação por meio de atividades desenvolvidas na Unidade de Atendimento de Semiliberdade em Taguatinga-UAST.

Para obter as percepções fundamentais à construção deste trabalho de conclusão de curso, foi preciso introduzir-me no espaço escolar de Educação de Jovens e Adultos e essa proximidade se deu por meio da abertura da Escola Ipê Amarelo, localizada no Paranoá/DF, que desenvolve juntamente com o GENPEX um projeto de inclusão digital para os alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Este projeto é realizado com os educandos das primeiras e segundas etapas do primeiro segmento da Educação de Jovens e Adultos provenientes das classes populares. Esses encontros, na Escola Ipê Amarelo do Paranoá, acontecem três vezes por semana e cada dia é uma turma diferente, tem a duração de 90 minutos, no período noturno, onde os primeiros 45 minutos são utilizados na sala de aula e os outros 45

minutos do tempo na sala de informática onde apuramos os conhecimentos desenvolvidos anteriormente na sala de aula ou vice-versa, pois a turma é dividida em duas partes e uma é atendida em um horário e a outra parte no outro, porque a sala do laboratório de informática só comporta 15 educandos por vez.

Tanto o momento da sala de aula como o do laboratório de informática, é planejado, coordenado e direcionado por graduandos, mestrandos ou doutorandos do curso de Pedagogia que fazem parte do GENPEX. As atividades desenvolvidas são articuladas nos encontros, que acontecem uma vez por semana, com a Professora Orientadora Maria Clarisse Vieira e os participantes do Projeto.

Nesse contexto, desenvolvemos um trabalho de colaboração ao processo de alfabetização dos sujeitos da Educação de Jovens e adultos, utilizando o computador como instrumento. Assim eles aprimoram os conteúdos aprendidos em sala de aula, ao mesmo tempo em que aprendem a manipular o computador. Desta forma o grupo faz uma relação dialógica entre o que é aprendido na sala de aula e o que é aprendido no laboratório de informática.

CAPÍTULO 5

APRESENTAÇÃO SOBRE A ANÁLISE DE DADOS

O trabalho empírico foi realizado na sala de aula e no laboratório de informática da escola em questão. Na análise de dados, utilizei a análise de conteúdos e articulei trechos das entrevistas feitas com os alunos, de modo a verificar quais significados os alunos da EJA estão atribuindo à importância de acompanhar as transformações das Tecnologias da Informação e Comunicação e a compreender as possíveis contribuições do uso do computador na alfabetização e letramento destes alunos.

O recurso da entrevista possibilitou a aquisição das informações desejadas e os entrevistados demonstraram-se estar à vontade com as questões propostas e também comigo, a pesquisadora. Pelo fato desses alunos já me conhecerem, conseguiram responder as questões com bastante naturalidade. Além das entrevistas com os alunos, o Diário de Bordo Individual e o Diário de Itinerância Coletivo foram importantes instrumentos que possibilitaram o registro de situações observadas nas aulas de informática e em sala de aula, como questões, posicionamentos, dúvidas, palavras, inseguranças, etc.

Das várias atividades que desenvolvemos com os alunos, duas delas são abordadas no corpo deste trabalho: uma sobre o nome, reforçando a importância da identidade do sujeito e outra que gerou um texto coletivo a partir das histórias de vida dos alunos e do lugar onde vivem.

O laboratório de informática fica localizado na parte onde também está situada a secretaria, banheiro dos professores, diretoria e sala de professores. É um espaço que normalmente está trancado e há necessidade de pedir a chave na sala da supervisora.

Neste, há 15 computadores disponíveis para a realização das atividades e além destes também tem alguns que não estão funcionando por motivos diversos: faltam cabos, instrumentos periféricos, estabilizadores e alguns estão com defeitos.

O laboratório é utilizado também para armazenar livros didáticos recebidos pelo MEC impedindo, desta maneira, a utilização total do espaço. É importante salientar também que a conexão com a internet raramente estava disponível, outra dificuldade encontrada no decorrer do processo no laboratório de informática.

A falta de recursos e de computadores para trabalhar nos laboratórios de informática nas escolas públicas do nosso país é um problema recorrente. Os resultados do Censo Escolar da Educação Básica (2016) apontam que das escolas de educação básica que oferecem anos iniciais do ensino fundamental, a existência de computador para uso administrativo é de (64,5%) superando o percentual de escolas que dispõem deste recurso pedagógico para uso dos alunos que é de apenas (54,4%). E destas escolas o Laboratório de informática só está presente em 44,7%. Esses dados mostram a fragilidade de um sistema escolar que não consegue atender a demanda de alunos que na maior parte das vezes não tem acesso ao computador em outro lugar.

As aulas de informática, na Escola Ipê Amarelo, ocorrem de segunda a quarta e cada dia é uma turma diferente, ou seja, são três turmas do primeiro segmento da EJA: duas da primeira etapa e uma da segunda e estas fazem as aulas de informática, oferecidas pelo GENPEX, uma vez por semana. As aulas no laboratório não são momentos isolados da sala de aula, mas articulados aos conteúdos trabalhados em classe.

No total, seis alunos (as) das turmas da primeira etapa de escolarização, que frequentam as aulas no laboratório de informática, foram entrevistados (as) para a realização da pesquisa.

5.1 Análises dos dados produzidos

Para a obtenção das informações desta pesquisa, foi utilizado um roteiro de entrevista contendo 14 questões fechadas, para poder traçar o perfil dos participantes, e dez questões abertas – dentre as dez, uma é sobre a motivação que levou o aluno entrevistado a voltar a estudar; duas são sobre a relação entre o aluno e a escola; duas são sobre a utilização do computador e a alfabetização; duas sobre as aulas de informática oferecidas; duas sobre os avanços das tecnologias; uma sobre a perspectiva dos alunos em relação a sua formação escolar.

As entrevistas foram realizadas no horário da aula dos alunos, os quais ficavam aproximadamente dez minutos para responderem as questões propostas. Com um aluno de cada vez, as entrevistas foram realizadas numa sala de aula vazia, disponível para a realização desta etapa. Os dados foram registrados por meio de gravação, o que possibilitou um registro leal das respostas dos entrevistados.

Todos os seis participantes da pesquisa são alunos (as) da primeira etapa da Educação de jovens e adultos, e todos residem atualmente no Paranoá. Ao analisar a modalidade de idade destes, observa-se que os sujeitos da pesquisa têm entre 31 e 74 anos. No que diz respeito a filhos, os seis participantes tem entre um e seis filhos.

No tocante a região de origem dos entrevistados (as), um é do Centro-Oeste quatro são do Nordeste, uma é do Sudeste.

Região de Origem	Quantidade
CENTRO-OESTE	1
NORDESTE	4
SUDESTE	1
Total de Entrevistados	6

Tabela 1- Região de origem / Fonte: Elaborado pela autora

Estes dados da Tabela 1 confirmam que a maior parte dos alunos que frequentam a Educação de Jovens e adultos veio das regiões mais pobres do país, principalmente do Nordeste, geralmente atrás de melhores condições de vida.

No que se refere à religião dos entrevistados (as), dois são Católicos (as), três são Evangélicos (as), e um (a) não possui religião.

Religião	Quantidade
CATÓLICA	2
EVANGÉLICA	3
NÃO TEM RELIGIÃO	1
Total de Entrevistados	6

Tabela 2- Religião /Fonte: Elaborado pela autora

Na modalidade de profissão, duas das entrevistadas são empregadas domésticas, duas são aposentadas, mas relataram que quando trabalhavam eram empregadas domésticas, uma é vendedora, e um entrevistado é auxiliar de serviços de trânsito.

Profissão	Quantidade
EMPREGADA DOMÉSTICA	2
APOSENTADA	2
VENDEDORA	1
AUXILIAR DE SERVIÇOS DE TRÂNSITO	1
Total de Entrevistados	6

Tabela 3 – Profissão / Fonte: Elaborado pela autora

Geralmente os alunos da EJA, em sua realidade social, foram submetidos precocemente ao mercado de trabalho ou não encontraram condições para manterem-se na escola por estarem nas camadas mais desfavorecidas da sociedade, sendo obrigados a realizar serviços de mão de obra barata e desqualificada. De acordo com Oliveira o aluno adulto da EJA,

[...] é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles proveniente de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiência no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. (OLIVEIRA, 2001, p.1)

Dos seis participantes da pesquisa, apenas um não utiliza celular.

Uso do Celular Digital	Quantidade
USA CELULAR DIGITAL	5
NÃO USA CELULAR	1
Total de Entrevistados	6

Tabela 4 – Uso do celular digital / Fonte: Elaborado pela autora

Dos seis pesquisados, três não possuem face book e três possuem. Podemos perceber, no que diz respeito ao acesso às tecnologias digitais, que esses dados são

favoráveis, pois quase todos os alunos entrevistados usam o celular digital e metade tem vínculo com pelo menos uma comunicação virtual de relacionamento (face book) demonstrando, ainda que pouco, algum contato com as tecnologias digitais.

Ao verificar se os alunos já fizeram algum curso de informática, todos os entrevistados declararam que nunca fizeram nenhum outro curso de informática antes do curso que estão fazendo atualmente na escola.

Dos (as) entrevistados (as), apenas uma tem computador e o utiliza em casa, os outros cinco não tem computador em casa e não o utiliza em nenhum outro lugar, apenas na escola.

Acesso ao Computador	Quantidade
NÃO TEM COMPUTADOR EM CASA E NÃO O UTILIZA EM OUTRO LUGAR	5
TEM COMPUTADOR EM CASA	1
Total de Entrevistados	6

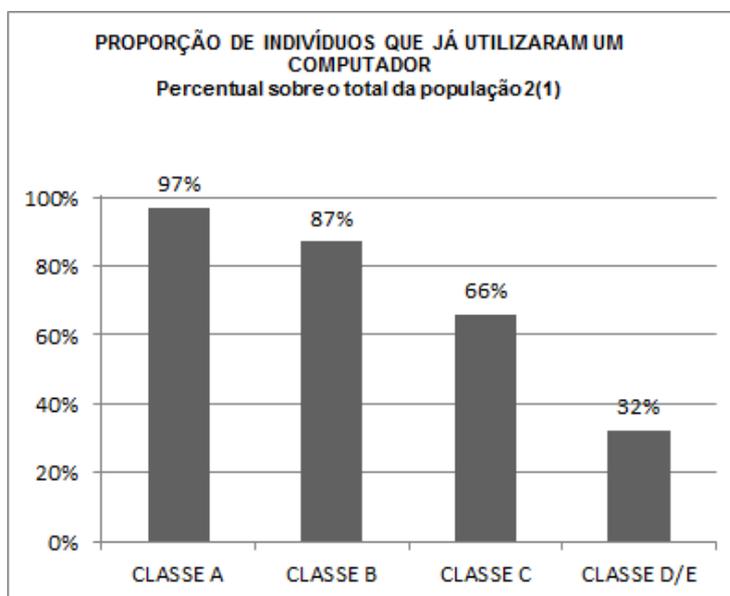
Tabela 5 – Acesso ao computador /Fonte: Elaborado pela autora

A partir desses dados, percebe-se um “lado perverso na globalização” que nega o acesso à informação das pessoas desprovidas de recursos, daqueles que não têm condições de pagar para obter o conhecimento da sociedade da informação. Estabeleceu-se um paradigma tecnológico e infelizmente, sabemos que, neste paradigma que cresce a cada dia não há lugar para quem tem dificuldades com as TIC’s. Logo, subentende-se que a maioria da população que é a menos afortunada, da qual fazem parte os alunos da EJA, está excluída do círculo que expande e movimenta o avanço da tecnologia.

Silva (2005) concorda que,

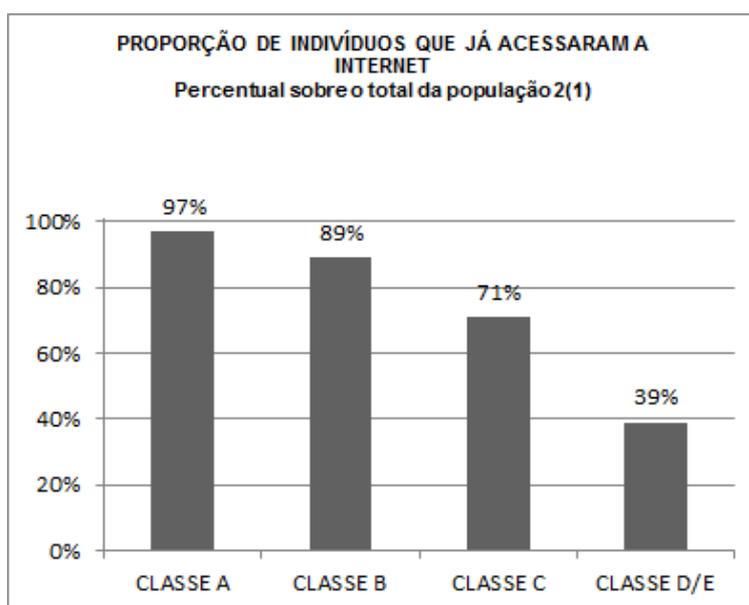
A educação do cidadão não pode estar alheia ao novo contexto socioeconômico-tecnológico, cuja característica geral não está mais na centralidade da produção fabril ou da mídia de massa, mas na informação digitalizada como nova infra-estrutura básica, como novo modo de produção. O computador e a Internet definem essa nova ambiência informacional e dão o tom da nova lógica comunicacional, que toma o lugar da distribuição em massa, própria da fábrica e da mídia clássica, até então símbolos societários. (SILVA, 2005, p.63)

Segundo os dados da pesquisa TIC DOMICÍLIOS/2015 (CETIC, 2015) abaixo, esta nos mostra que, apenas 32% da população brasileira com baixo poder aquisitivo já utilizou um computador:



Percentual sobre o total da população 2(1)
Base: 174.952.644 pessoas. Dados coletados entre Novembro de 2015 e Junho de 2016.
Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC. br).

A mesma pesquisa mostra que enquanto 97% da população de classe A usam a internet para adquirir informações, somente 39% da classe D e E, que é a população menos favorecida, já acessou a internet:



Percentual sobre o total da população 2(1)
Base: 174.952.644 pessoas. Dados coletados entre Novembro de 2015 e Junho de 2016.
Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC. br).

Conforme os dados apresentados na pesquisa acima é notável que a classe dos que tem pouco acesso à tecnologia são os grupos de pessoas com baixa escolaridade e pobres. Portanto, para que esses dados comecem a mudar para melhor, é necessário adotar uma política educacional para que as escolas estejam prontas para atender as demandas do mundo atual e ir incorporando as tecnologias no processo de desenvolvimento dos alunos, de todas as etapas, para que estes sejam participantes ativos no processo de transformação que vivemos.

As tecnologias permeiam o meio social, organizando-se de tal maneira que tem se tornado indispensável. Silva também menciona que:

Se a escola não inclui a Internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz na cibercultura. Cibercultura quer dizer modos de vida e de comportamentos assimilados e transmitidos na vivência histórica e cotidiana marcada pelas tecnologias informáticas, mediando a comunicação e a informação via Internet. (SILVA, 2005, p.63)

5.2 Análises dos dados produzidos categorizados

Após a transcrição das entrevistas, as quais foram lidas atentamente, esta análise apreendeu falas de diferentes alunos trazendo elementos que podem ser dialogados, e também relações que podem ser estabelecidas com contextos mais amplos, sendo que as observações e as respostas das entrevistas dos alunos foram analisadas e discutidas com base no referencial teórico. A partir das entrevistas, alguns recortes foram feitos para a análise das respostas. O critério da realização dos recortes foi feito a partir das categorias que foram estabelecidas para responder os objetivos propostos na pesquisa, para a análise dos dados. São elas:

- 1- Motivação pra estudar;
- 2- Melhorias que precisam ser feitas na escola;
- 3- Benefícios que o computador traz para a alfabetização;
- 4- Percepção da importância de usar o computador e acompanhar os avanços das tecnologias;
- 5- Conhecimentos de informática que foram adquiridos através do contato com o computador;
- 6- Contribuição da escola para o uso das TIC's;

7- Melhorias necessárias nas aulas de informática oferecidas pelo GENPEX;

Esta análise parte de dados qualitativos - fazendo um agrupamento quantitativo - para análise qualitativa novamente. As categorias correspondem às questões que foram selecionadas e as classes foram geradas a partir das respostas dos alunos. A seguir destaco as categorias com suas respectivas análises.

Quadro 1 – Categoria 1 – Motivação para estudar

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES 	Número de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • VONTADE DE APRENDER A LER E A ESCREVER ➤ É força e vontade por que eu não sabia nem ler nem escrever; ➤ É porque eu não sei nada. Aí eu tenho vontade de aprender; ➤ É isso que eu quero, o meu sonho é aprender ler e escrever, por isso que eu voltei pra escola; ➤ Vontade de aprender e estou lutando pra vê se eu aprendo mesmo; 	4
<ul style="list-style-type: none"> • MOTIVAÇÃO DE ALGUÉM ➤ Minha mãe. Minha mãe fala: há meu filho, tem que voltar a estudar e tal, porque é bom e tudo e tal; 	1
<ul style="list-style-type: none"> • NECESSIDADE DE EMPREGO ➤ Porque eu perdi muitas oportunidades pra trabalhar; 	1

Analisando a categoria do quadro um, conclui-se inicialmente que um dos principais motivos que levam Jovens e Adultos pouco escolarizados a estudarem é porque estes têm vontade de aprender a ler e escrever. Para estes alunos, a leitura e a escrita se instituiu como algo imprescindível para se comunicar com o mundo das letras despertando a vontade e o sonho de saber ler e escrever.

Através de várias situações vividas, eles perceberam que a leitura e a escrita são requeridas para as mínimas circunstâncias do dia a dia como ir fazer compras no mercado, assinar o recebimento do correio, sem contar que quando se fala em arrumar emprego sem saber ler nem escrever as coisas pioram, como é mostrado claramente nos depoimentos abaixo de duas entrevistadas:

Elaine: “eu perdi muitas oportunidades pra trabalhar, porque eu tinha que ter pelo menos a quarta ou quinta serie e eu tinha parado no segundo ano, eu não sabia de nada. Depois que eu voltei a estudar, que eu comecei esse ano eu já estou bem sabe, já estou sabendo ler, já estou sabendo matemática que eu não sabia nem fazer conta, agora eu já estou sabendo e eu estou gostando muito”.

Alana: “Eu quero aprender a ler e a escrever, ver que eu consigo faculdade pra arrumar um serviço melhor, sair da casa de família, que eu sei que é um serviço que não é valorizado. Tem patrão que dá valor, já tem outros que não dá, sabe. Aí tem hora que é uma humilhação”.(Trechos de gravação da entrevista)

Galvão e Di Pierro consideram que:

[...] a condição de analfabeto provoca sentimentos de frustração e incompletude já que restringe a privacidade da comunicação e da autonomia para os deslocamentos territoriais, rebaixa o horizonte profissional aos trabalhos braçais mais pesados e impedem os indivíduos de partilharem certas práticas culturais prazerosas e socialmente valorizadas, como a leitura de jornais, livros ou letreiros de cinema. (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.26)

A mudança de vida tão sonhada por muitos se constitui como impulso para que esses alunos continuem sua trajetória escolar. Eles têm esperança de que quando forem alfabetizados, conseguirão um trabalho melhor, ou até uma profissão na qual tenham sonhado. Galvão e Di Pierro (2007, p.26) discorrem ainda que, a escolarização também é uma estratégia utilizada pelos alunos da EJA para reorientarem sua subjetividade e conduta para fazer frente aos padrões culturais dominantes.

Como educadores sabemos o quão importante é formar cidadãos críticos que tenham compreensão racional do mundo que os cerca, levando-os a um posicionamento adequado, em relação a sua participação como indivíduo na sociedade em que vive e do ambiente que ocupa, pois de acordo com Freire,

[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educandos. (FREIRE, 1996, p.13)

Quadro 2 – Categoria 2 – Melhorias que precisam ser realizadas na escola

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES <p style="text-align: right;">➤ Respostas</p>	Número de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • DISPONIBILIZAÇÃO DE RECURSOS ➤ Assim, minha filha, precisa melhorar... papel higiênico no banheiro, né que tá faltando, as vezes a gente vai lá não tem né, aí a gente tem que trazer de casa, e... bom né... eu acho que só né! É só... 	1
<ul style="list-style-type: none"> • NÃO PRECISA MELHORAR NADA ➤ Nada não. ➤ Acho que nada não! 	2
<ul style="list-style-type: none"> • MERENDA ➤ Você quer que eu seja realista mesmo? Assim, o lanche né! O lanche tinha que melhorar um pouquinho. Porque tem dia mesmo que é ruim demais. 	1
<ul style="list-style-type: none"> • INOVAÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ➤ As professoras dar aulas mais difíceis pra gente, pra gente aprender as coisas mais difíceis. 	1
<ul style="list-style-type: none"> • RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO ➤ A professora de matemática e outra professora que falam muito alto. Moço, você está lá atrás e parece que ela tá bem aqui assim: “pá, pá, pá... moço, tu é doido”. Ela tem que melhorar. 	1

Em relação à segunda categoria, sabemos que na maioria das escolas públicas do país a Educação de Jovens e Adultos dispõe de um espaço escolar não adequado à educação. As salas de aulas têm carteiras apertadas, e em nada remete a uma turma de EJA, pois é utilizado pelas crianças do ensino fundamental, possuindo vários cartazes que infantilizam o ambiente.

Infelizmente o governo quase não libera as verbas necessárias para a execução dos aprendizados desses sujeitos. As consequências de entraves políticos são refletidas na EJA causando falhas e descasos em relação a estes sujeitos. Nas entrevistas com os

alunos o desdém fica claro, e pela falta de recursos suficientes disponibilizados acabam faltando produtos básicos de higiene e alimentação.

Um dos alunos entrevistados também se queixou que os professores precisam inovar sua prática. Logo, é necessário que o professor varie as atividades propostas, atendendo melhor o aluno, pois é a sua prática pedagógica que irá validar ou não o discurso reprodutivo sem reflexão ou favorecer ao sujeito uma formação crítica/reflexiva, não subestimando o aluno, mas suprimindo a necessidade deste.

Almeida concorda que

A aprendizagem é um processo de construção do aluno – autor de sua aprendizagem –, mas nesse processo o professor, além de criar ambientes que favoreçam a participação, a comunicação, a interação e o confronto de idéias dos alunos, também tem sua autoria. Cabe ao professor promover o desenvolvimento de atividades que provoquem o envolvimento e a livre participação do aluno, assim como a interação que gera a co-autoria e a articulação entre informações e conhecimentos, com vistas a construir novos conhecimentos que levem à compreensão do mundo e à atuação crítica no contexto. (ALMEIDA, 2005, p.72)

No que se refere à relação professor/aluno, a fala abaixo demonstra o descontentamento de um aluno com uma das professoras:

Caio: “Eu gosto de estudar com a professora de português. Ela é uma excelente professora. Já a outra não. A outra é assim... Como se diz... Um espinho”. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 10/05/2017)

A relação professor-aluno é uma das principais preocupações do contexto escolar, e no caso dos alunos da EJA é importante que o professor tenha um perfil adequado para exercer a docência nessa modalidade. As práticas educativas e as ações desenvolvidas no ambiente escolar devem ser objeto de reflexão a todo o momento, e no ensino de jovens e adultos, por seu caráter particular em relação à educação básica onde a maioria são trabalhadores e não a contemplaram na idade própria, essa relação se estreita mais ainda. Galvão e Di Pierro (2007, p.26) ressaltam que, embora seja um desafio cotidiano a ser enfrentado pelos educadores, é necessário despojar-se de preconceitos e valorizar a cultura, as formas de expressão e os conhecimentos de que esses jovens e adultos são portadores, valorizando o que o educando tem e não o que lhe falta.

Freire diz que o verdadeiro professor atua numa linha de educação conscientizadora, que visa a superação da relação opressor/oprimido, objetivando o desenvolvimento da consciência crítica e da liberdade. Ainda sobre isso diz que,

[...] a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos. Na concepção “bancária” que estamos criticando, para a qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição. (FREIRE, 1987, p.34)

Quadro 3 – Categoria 3 – Benefícios que o uso do computador traz para a alfabetização

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES <p style="text-align: right;">➤ Respostas</p>	Número de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • TÊM BENEFÍCIOS PARA A ALFABETIZAÇÃO ➤ Tem, tem sim. É porque eu nunca peguei num computador. Estou pegando agora! Aí eu não sabia nem onde era o A nem onde era o B, onde era o H onde era nada; ➤ Tem. Porque eu gosto. E quando a gente gosta a gente aprende mais; ➤ Tem. Porque eu nunca tinha mexido em computador; ➤ Tem ajudado. Assim, porque no meu serviço lá tem, e todo mundo usa, mas eu não sabia nem pra onde ia pra fazer funcionar uma tecla. ➤ Sim. Eu não sabia mexer nem no computador e me ensinaram só uma vez e eu já estou bem prática; ➤ Eu acho que está ajudando. Porque faz a gente ser assim, sabe, é... Mais criativo, faz a gente se animar mesmo! 	6

Na categoria três, todos os entrevistados concordam que o uso do computador tem ajudado na sua alfabetização, porém apenas um dos entrevistados conseguiu identificar em quem exatamente o computador ajuda em sua alfabetização. Concordando com a resposta do aluno, o computador ajuda a melhorar a criatividade permitindo

maior autonomia, animando o jovem e o adulto da EJA que por várias situações e entraves que precisou enfrentar na vida, perdeu um pouco do seu lado criativo.

As atividades de alfabetização no computador possibilitam maior liberdade para construir, impulsionando a curiosidade e a necessidade da leitura. Assim, percebe-se um processo mediacional na perspectiva histórico-cultural de Vygotsky, onde a articulação da utilização do computador com a alfabetização e o letramento resulta num letramento digital que estimula diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais.

A utilização do computador pode tornar mais proveitoso e atrativo o processo de ensino aprendizagem. Além disso, a informática educacional na EJA proporciona a superação de estigmas, mudanças de atitudes, sobretudo, tornando a construção do saber em algo mais prazeroso e produtivo.

Ao escrever na tela do computador o aluno da EJA se sente pronto para aprender novos conhecimentos, acreditando na sua capacidade, aumentando sua autoestima percebendo que é possível aprender a ler e a escrever usando um computador. Sobre a alfabetização e o letramento aliados ao computador que resulta na alfabetização digital, Gomez diz que

[...] a alfabetização digital seria a habilidade para lidar, entender e usar informação em múltiplos formatos em uma extensiva gama de textos digitais apresentados por computadores. O conceito de alfabetização vai além de simplesmente poder ler; é significar o ler, significar e entender, é dar sentido. É um ato de leitura e escrita, de cognição do que se visualiza na tela, do que se escuta nos arquivos de som, do que se percebe nas simulações ou animações, do que se constrói com os outros na busca de textos úteis para as atividades cotidianas. (GOMEZ, 2002, p.4)

O aluno da EJA, então passa a sentir o que é estar inserido socialmente no mundo digital, deparando-se com suas possibilidades e limitações, prazer e medo, o medo do erro, compartilhando experiências, explorando, refletindo e integrando uma contínua viabilidade de aprendizados da leitura e da escrita que o uso do computador pode oferecer no processo de alfabetização. Uma das entrevistadas afirmou que, embora tenha algumas dificuldades nas aulas de informática, está gostando muito de manusear o computador:

Alana: “Tem hora que eu me atrapalho. Eu fico com medo de não saber mexer no computador direito, tem horas que me dá um nervoso, às vezes eu boto uma letra e tento apagar aí fico com medo de não acertar. Entendeu? Mas eu estou achando legal! Estou gostando muito porque eu nunca tinha mexido em computador. Eu nunca tinha escrito nada no computador. Eu

achei interessante, muito bom. Eu estou gostando”.(Trecho de gravação da entrevista realizada em 08/05/2017)

E como ferramenta de alfabetização digital, o computador ainda tem a função de mediação, e de destacar os valores culturais de uma comunidade educativa virtual emergente da produção coletiva da leitura e da escrita. Gomez ainda afirma que

Há que pensar "Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção, de reivindicação". Isso será possível se os cidadãos também puderem entender e lidar com os processos para criar mensagens e os distribuir, isto é, dizer a sua palavra, "escrever o mundo"; então sim, as práticas de alfabetização digital proverão o máximo de benefício para o indivíduo e a comunidade de jovens e adultos. (GOMEZ, 2002, p.5)

Quadro 4 – Categoria 4 – Percepção da importância de usar o computador e acompanhar os avanços das tecnologias

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES 	Número de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • TEM IMPORTÂNCIA ➤ Acho que sim. Porque é importante né. Eu sempre tinha vontade de usar então apareceu essa oportunidade né e eu falei não vou perder né! É importante a gente saber usar essas coisas né. ➤ Eu acho que é importante sim. Porque se quiser investigar alguma coisa, tem que ir ali olhar, vê como é porque pra pesquisar alguma informação tem que saber mexer no computador né. Porque tem que aprender muitas coisas né. Eu acho. Tem que acompanhar os avanços. ➤ Eu acho que é importante porque você vai ficando por dentro, você vai aprendendo mais, tem que tá acompanhando. Você vai ficando mais por dentro, vai aprendendo mais as coisas né. Na minha cabeça é isso né. ➤ Sim. É importante. Porque através do computador dá pra ver as pessoas onde elas estiverem em qualquer lugar do mundo em questão de segundos. A tecnologia tem uma linguagem muito além do que a gente conhece. ➤ Sim. Porque é bom. É porque hoje em dia tudo a gente tem 	6

<p>que usar as tecnologias.</p> <p>➤ Sim. Eu acho que é importante sabe! Porque nós estamos num caminho que hoje em dia tudo é computador né! Porque daqui a alguns tempos também não vai ser nem computador, vai ser mais é outra coisa, outra máquina funcionando né!</p>	
-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

No quadro quatro infere-se que todos os entrevistados percebem a importância de usar o computador e acompanhar os avanços das tecnologias para estarem nivelados com esses desenvolvimentos. O desenvolvimento das novas tecnologias tem impulsionado os alunos da EJA a entenderem que precisam acompanhar, mesmo que aos poucos, as tecnologias da informação e comunicação que vão sendo inseridas no processo de ensino aprendizagem.

Uma das entrevistadas tem clara percepção sobre o desenvolvimento das tecnologias dizendo:

Mariana: “Por que só tá mudando as coisas daqui pra frente, né! Porque de primeiro era aquela máquina de escrever. Eu achava tão legal aquilo! Eu tinha uma vontade de pegar, mas como eu não sabia mexer né! Aí dela passou pra computação, né! E aí agora está aparecendo o tal do tablete, aí as coisas vão só modificando né!”(Trecho de gravação da entrevista realizada em 10/05/2017)

Nas últimas décadas, inúmeros avanços se deram, principalmente, na área da tecnologia, como a modernização e difusão dos computadores e a criação de novos aparelhos e essas novas tecnologias têm adentrado as escolas como instrumentos pedagógicos. Em outras palavras, pode-se dizer que o giz, o quadro negro, e os livros já não são mais os únicos instrumentos que devem ser utilizados na escola.

Com o crescimento da informatização dos serviços oferecidos à sociedade atual, cada vez mais se busca a necessidade da inclusão digital dos cidadãos nesse modo de vida. Por isso é importante a utilização de computadores nas escolas, pois a não apropriação das tecnologias através do ambiente escolar, distancia os alunos da EJA do contato com as tecnologias, tornando-se algo inacessível para estes. Almeida (2005) destaca que:

Para incorporar a TIC na escola, é preciso ousar, vencer desafios, articular saberes, tecer continuamente a rede, criando e desatando novos nós conceituais que se inter-relacionam com a integração de diferentes

tecnologias, com a linguagem hipermídia, as teorias educacionais, a aprendizagem do aluno, a prática do educador e a construção da mudança em sua prática, na escola e na sociedade. Essa mudança torna-se possível ao propiciar ao educador o domínio da TIC e o uso desta para inserir-se no contexto e no mundo, representar, interagir, refletir, compreender e atuar na melhoria de processos e produções, transformando-se e transformando-os. (ALMEIDA, 2005, p.73)

Quadro 5 – Categoria 5 – Conhecimentos de informática que foram adquiridos através do contato com o computador

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES 	Número de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • FUNÇÕES BÁSICAS ➤ Ligar e desligar o computador, ensinaram a botar os nomes, a colocar o RG; ➤ Eu já escrevi o meu nome lá, né, o nome dos meus colegas, entendeu? O nome da minha mãe que eu nunca nem tinha escrito, o nome da cidade que eu nasci, a história do meu nome. ➤ Escrever menina! Que eu não sabia nem escrever, nem entrar, nem ligar. Agora já sei. ➤ Eu já escrevo meu nome, pego uma folha dessa aí e vou escrevendo, ligo, desligo. ➤ Eu não sabia nem pra onde ir professora! ➤ Tudo... Tudo que eu faço hoje eu não fazia, porque eu nunca tinha usado. 	6

Na análise da categoria cinco verificou-se que os participantes nunca tiveram acesso ao computador antes de entrarem na escola, portanto não sabiam coisas básicas como ligar, desligar, digitar, abrir um documento. Isso é mais um dado que confirma que a maior parte dos sujeitos da EJA é constituída pela classe desfavorecida e esquecida pela sociedade do conhecimento e da informação.

Além do conhecimento da informática, a fala de uma das alunas confirma, por meio da mediação do computador, a importância da aprendizagem que dá significação a história do sujeito, revelando memórias e identidades:

Alana: Eu já escrevi o meu nome lá, né, o nome dos meus colegas, entendeu? O nome da minha mãe que eu nunca nem tinha escrito, o nome da cidade que eu nasci, a história do meu nome.

Sabemos que as tecnologias, disponíveis hoje, aumentam os poderes intelectuais como a capacidade de adquirir, organizar, armazenar, analisar, relacionar, integrar, e aplicar. Logo, os sujeitos da EJA, devem ser empoderados dessa intelectualidade através da aprendizagem mediada pela tecnologia.

Como já foi dito, é necessário que a escola possibilite aos seus alunos o acesso a ciência, técnica e tecnologia, pois não há dúvidas da necessidade de inserir os educandos, proporcionando-lhes o domínio e as habilidades requeridas. No depoimento abaixo, podemos perceber o enorme distanciamento que esses alunos tinham do computador a ponto de não saberem nem o nome dos periféricos que fazem parte da máquina:

Caio: Eu não sabia nem o quê que era *mouse* e tal, eu não sabia nem apagar, fazer letras, apagar nomes como a gente chega com a borracha no caderno e apaga, e hoje assim, eu estou aprendendo igual a uma tartaruga, engatinhando. (Trecho de gravação da entrevista realizada em 10/05/2017)

Assim, o curso de introdução à informática oferecido pelo GENPEX à escola Ipê Amarelo do Paranoá, tem o objetivo de iniciar o processo de inclusão digital desses alunos, pretendendo guiar a prática destes de forma clara para assimilarem e compreenderem as concepções acerca do computador, as funções, considerando as dificuldades evidentes ou não desse grupo específico, que são jovens e adultos da EJA, cuidando para que a motivação desses alunos seja mantida para só assim possibilitar a inserção digital desse grupo através da construção de sua autonomia digital.

Os educadores da Educação de Jovens e Adultos podem utilizar as ferramentas tecnológicas como um incentivo para a criação e imaginação desse aluno. Ao utilizarmos o recurso tecnológico transformamos a máquina num recurso educacional, que propicia a integração das relações pessoais com a aprendizagem e a aquisição de conhecimento. Isto amplia possibilidades efetivando as condições de acesso do aluno da EJA na sociedade letrada, no mundo do trabalho, no mundo digital.

Moro e Estabel inferem que,

A Sociedade da Informação preconiza a informação como um recurso prioritário e, o seu acesso, como um marco o qual insere os cidadãos na sociedade, auxiliando o exercício responsável e consciente na tomada de decisões em qualquer âmbito de ação e no exercício de seus direitos de cidadania. As TIC's facilitam a aquisição de conhecimento permitindo o acesso às fontes de informação, o cruzamento de informação de diferentes fontes e áreas, a comunicação em tempo real ou virtual com outras pessoas e a disponibilização de meios rápidos e eficientes de processamento da informação. (MORO; ESTABEL, 2004, p.5)

Quadro 6 – Categoria 6 – A contribuição da escola para o uso das TIC's.

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES 	Número de Ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> ➤ Respostas • A ESCOLA CONTRIBUIU PARA O USO DAS TICS's ➤ A escola me ajudou sim porque aí eu já estou aprendendo a ler né! ➤ Se eu tiver de mexer, o que já aprendi na escola me ajudaria. ➤ O que já aprendi na escola ajuda sim. ➤ A escola ajuda porque muitas coisas eles explicam aqui. Então se eu souber ler fica mais fácil de mexer em tudo. ➤ A escola ajuda porque tem que saber ler e escrever né, pra saber o quê que você vai colocar ali, as letras tudo direitinho. ➤ A escola me ajudou muito. 	6

Na sexta categoria, todos os entrevistados da pesquisa declararam que a escola contribuiu para que eles utilizem as TIC's, inferindo que a utilização destas está diretamente relacionada a condição de saber ler e escrever. Constata-se assim que não ter domínio da língua escrita, no caso dos alunos da EJA, torna a utilização das tecnologias mais difícil ou até impossível.

Sabemos que, além da alfabetização, a escola deve oportunizar alfabetização e letramento digital para inserir os alunos da EJA no mundo informatizado, orientando-os para que vejam na tecnologia uma maneira de modificar para melhor as suas vidas, pois

as transformações socioeconômicas, políticas, históricas e/ou culturais requerem este desenvolvimento.

Os sujeitos da EJA buscam conhecimentos e aprendizagens que ainda não têm. E é através da escola que eles vão adquirir conhecimentos formais para serem integrados às constantes transformações tecnológicas. Assim, o domínio e a apropriação das TIC's, pelos alunos da EJA, estão condicionados à escola, pois a dificuldade dos alunos da EJA para se apropriarem das novas tecnologias, é oriunda da falta de recursos, da falta de instrumentos e da falta de uso.

Portanto, é indispensável que estes alunos tenham acesso às tecnologias através do ambiente escolar. De acordo com o Currículo em Movimento da Educação Básica da Educação de Jovens e Adultos:

A inclusão das tecnologias no currículo da EJA passa pela relação com o cotidiano dos estudantes, as possibilidades de interação e socialização. Faz-se necessário compreender os avanços sociais, históricos e científicos como percursos tecnológicos vividos pela humanidade e alcançar as alternativas de inserção do jovem e do adulto nas tecnologias de forma a ampliar sua participação na sociedade, não apenas como inclusão digital, mas no diálogo com o mundo, problematizando-o de forma crítica, construtiva e criativa. Para tanto, é imprescindível a garantia de acesso às TIC, inclusive à internet em banda larga, ao uso e desenvolvimento de software livre. (SEDF, 2013, p.23)

Quadro 7 – Categoria 7 – Melhorias necessárias nas aulas de informática oferecidas pelo GENPEX

<ul style="list-style-type: none"> • CLASSES 	Número de Ocorrências
<p style="text-align: center;">Respostas</p> <ul style="list-style-type: none"> • NENHUMA ➤ Pra mim está tranquilo. Eu estou começando a gostar, o que vocês estão escrevendo eu estou conseguindo colocar no computador né. ➤ Nada Não! Tá ótimo! Tá tranquilo! ➤ Pra mim nada não. A gente é quem tem que quebrar a cabeça! É que nem um jogo! Mas tá excelente! ➤ Pra mim tá bom! Eu estou aprendendo direitinho! 	4

<ul style="list-style-type: none"> • GRAU DE DIFICULDADE ➤ Coisas novas né! Porque muita coisa a gente não sabia mais vai aprendendo. Ensinar mais coisas. 	1
<ul style="list-style-type: none"> • QUANTIDADE DE PESSOAL ➤ Aumentar a quantidade de professoras, porque as vezes a gente tá lá esperando e demora pra chegar até a gente. 	1

Na categoria sete, a intenção foi investigar se a nossa atuação no laboratório de informática da escola está favorecendo a aproximação dos alunos com o computador, se estes estão acompanhando os conhecimentos transmitidos pelo grupo orientador, e se as aulas que estamos oferecendo têm se adequando à realidade do aluno da EJA da escola em questão.

A metodologia utilizada nas aulas oferecidas pelo GENPEX, consiste em articular o conteúdo da modalidade da EJA às aulas de informática, como, por exemplo, quando construímos o texto coletivo em sala de aula, além de termos valorizado a fala dos alunos, demos relevância às questões gramaticais, às formações das palavras, às diferenças que existem em relação ao som e à escrita da palavra, separação de sílabas, etc..., e os alunos instantaneamente registravam tudo em seus cadernos. Daí procede a fala dessa aluna quando diz que:

Alana: Pra mim está tranquilo. Eu estou começando a gostar, o que vocês estão escrevendo eu estou conseguindo colocar no computador né.

Assim, quando os alunos vão para o momento do laboratório de informática levam sempre um conteúdo riquíssimo para ser explorado, utilizando o computador a favor do processo alfabetizador, mostrando a relevância da aprendizagem deste processo mediado pelo computador. Logo, trabalhamos com esse aluno tanto no que condiz à construção e representação de conhecimentos de informática, como no que diz respeito à busca e acesso à informação através do meio virtual.

Então, na sala de aula exercitamos o significado do conteúdo, a coerência de ideias e no laboratório de informática, em contato direto com o computador, o aluno utiliza o processador de texto ou a navegação na Web, e através da orientação do grupo

do GENPEX o estudante passa a obter informações sobre a formatação do texto, ortografia, aspectos gramaticais e acesso à informação.

Identificamos nas turmas que alguns alunos têm mais facilidade que outros para manusear o computador, assim podemos notar que um dos alunos entrevistados disse que acha que precisamos “passar coisas mais novas”, e já constatando estes desencontros de assimilação de conhecimentos dos alunos, planejamos, nos nossos encontros de coordenação semanal, oferecer, a estes que estão mais adiantados, alguma atividade que tenha um maior grau de dificuldade, respeitando os níveis desses alunos, para que estes não se sintam desestimulados.

No que condiz à quantidade de pessoal relatado pelo depoimento acima, infere-se que foram poucas as vezes que estivemos em menor número, mas concordamos que alguns educandos necessitam de um acompanhamento mais individualizado para o melhor desenvolvimento de seu processo.

Nas aulas de informática tentamos proporcionar aos alunos da EJA a exploração do computador para que estes possam se familiarizar com a máquina, evitando cobranças demasiadas, mas deixando claro que a aprendizagem é algo paulatino, colaborativo, resultado de tentativas e erros, sendo este processo muito importante para o eficaz ensino e aprendizagem dos alunos.

É importante reiterar que sempre articulamos nossas aulas com conteúdos que os professores estão utilizando, para que haja uma extensão da sala de aula, anulando qualquer fragmentação existente entre a realidade dos alunos e as TIC's. A nossa premissa é a de que, como educadores, devemos utilizar as tecnologias não apenas como suporte de elementos externos, mas como uma possibilidade de contextualização da aprendizagem através do trabalho com problemas da realidade e do interesse dos alunos.

5.3 Atividades desenvolvidas em interface com o Diário de Bordo/Itinerância Coletivo

Uma das primeiras atividades que realizamos com cada turma que atendemos, foi uma dinâmica de apresentação, que tinha o objetivo fazer com que conhecêssemos pelo menos um pouco dos alunos e eles a nós. Cada pessoa pegava o objeto que mais se identificava e ao mesmo tempo falava seu nome e porque tinha escolhido o respectivo objeto. Assim cada pessoa falava um pouco de si.

As turmas nos receberam muito bem e deixaram transparecer que estão abertos a novos conhecimentos e que estão dispostos a aprender mais. Nesse dia, o que mais me chamou atenção na apresentação foi a fala de uma das componentes da turma que escolheu um vidro cheio de canetas e disse: "Eu escolhi isso aqui porque eu preciso aprender mais, porque minha cabeça é muito ruim e desde o dia que eu cheguei aqui , até hoje, eu não aprendi quase nada".

Após isso, um membro do nosso grupo tomou a palavra e disse a ela que todos precisamos aprender, pois ninguém sabe tudo e que inclusive estávamos ali aprendendo também e que o problema pode estar na maneira como nós professores explicamos o conteúdo, na metodologia que usamos, pois a linguagem que o aluno precisa pra entender melhor algumas coisas pode não estar sendo adequadamente utilizada e que isso poderia ser a causa de muitas vezes não entendermos alguma coisa.

Sempre após as aulas, temos o cuidado de perguntar aos alunos o que eles acham da aula que foi ministrada, se é necessário melhorar alguma coisa em nossa prática, pois esses retornos são importantes e funcionam como uma bússola que nos orienta no caminho certo.

Os alunos demonstram satisfação e uma enorme gratidão ao fato de estarmos ali. E para nós é muito recompensador saber que ajudamos alguém com o pouco que sabemos e que assim estamos abrindo caminhos para que haja uma inclusão digital.

No intuito de valorizar a cultura e o potencial humano dos alunos da EJA, abrangendo as várias dimensões desses sujeitos, nós, do grupo do GENPEX, desenvolvemos várias atividades e dentre estas selecionei duas para mostrar um pouco do trabalho que realizamos na escola.

5.3.1 Histórias e significados dos nomes dos alunos

A escrita do nome tem papel fundamental no processo de alfabetização do educando, pois representa um passo importante de sua entrada no mundo da escrita.

Esta atividade traz muito da subjetividade dos alunos da EJA, ressaltando a importância da escrita do nome próprio representando uma das mais importantes conquistas do educando que entra no mundo das letras. Para ele, o conjunto de letras que compõe seu nome proporciona a percepção de si como um ser social com um nome próprio que o representa, diz algo sobre sua identidade, sua filiação, sua história.

Barros (2016), um dos participantes do GENPEX, desenvolveu uma pesquisa de conclusão de curso que revela como as significações que permeiam a escrita do nome próprio podem auxiliar na construção da identidade de sujeitos da Educação de Jovens e Adultos. De acordo com o autor, a escrita do nome é determinante no processo de apropriação da identidade do sujeito, pois isto resulta no fortalecimento de sua dignidade e pleno exercício da cidadania. Assim, ele infere que o processo de significação do nome resgata a autoestima dos alunos da EJA, amplia a visão que eles têm acerca de suas vidas e favorece também a compreensão das suas histórias de vida, pois aos escreverem seus próprios nomes, sentem-se lembrados e reconhecidos. Galvão e Di Pierro ainda salientam que:

No contexto urbano letrado, a impressão da digital se torna a marca evidente do estigma de inferioridade atribuído ao analfabeto e as situações de identificação pública passam a ser vividas como humilhação. Por esse motivo, a assinatura – o desenho do nome – é a primeira aprendizagem aspirada por qualquer adulto em processo de alfabetização. (GALVÃO; DI PIERRO, 2007, p.23,24)

O conhecimento do próprio nome e de seu significado apresenta uma oportunidade de reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita, além do nome próprio ter valor verdadeiro por se referir a uma existência, a algo que é compartilhado por emissor e receptor fazendo parte da nossa cultura.

No dia desta atividade, no laboratório de informática estava a metade da turma que eram cerca de doze alunos, e orientamos cada um individualmente, conversando com os alunos para saber o que achavam de seus nomes, se conheciam seu significado, e se conheciam alguma história oral de seus familiares sobre seus nomes que gostariam

de relatar. Uma das histórias que mais nos chamou atenção foi a da senhora M. L., que disse:

“A gente morava na roça e nenhum era registrado. Aí colocaram meu nome de Luciana, mas eu não gostava. Aí eu troquei por M.L. porque eu achava bonito. Mudei também o sobrenome porque dos meus irmãos era Amorim e eu achava que como, a gente tinha um sobrenome que era igual ao de um tecido branco, bem branquinho, então pensei: Como vou colocar um sobrenome de um tecido branco se eu sou preta? Aí eu troquei para M.L.R. da C.”.(Trecho de diário de bordo)

Fiquei fascinada com o relato desta aluna que rompeu barreiras que, naquela época, na condição de mulher e negra, não era algo fácil, pois fatores de várias ordens dificultavam sua liberdade de escolha. Assim, ela transpassou paradigmas culturais, sociais e discriminatórios que perduravam naqueles tempos, que a impediam de estar satisfeita com seu nome.

A maioria dos alunos tinha alguma história pra contar sobre o porquê da escolha de seus nomes, mas tinham também os que nunca souberam o porquê destes. Logo, estes que não tinham uma história de seus nomes para contar, demonstravam um interesse ainda maior em conhecer o significado, uma vez que nunca tiveram informações sobre seus nomes.

A atividade proporcionou aos alunos, conhecer o significado do próprio nome, reconhecer a escrita do nome usando a fonte do computador percebendo assim as letras que o compõem, a assimilação da importância do nome e sua função social, momentos de reflexão sobre o significado deste em relação aos seus conceitos, ou seja, se seus nomes estão relacionados com suas personalidades e valores ou com o que eles pensam de si ou com o que os outros pensam deles, e o acesso à internet através do computador para procurar informações sobre os significados. Depois deste processo de reflexão e pesquisa, os alunos leram e digitaram as histórias e os significados dos nomes que foram encontrados.

Enquanto isso, na sala de aula, a outra parte do grupo do GENPEX orientava a respectiva metade da turma de alunos em uma atividade de colagem, onde os educandos recebiam um alfabeto móvel, e estas letras iam sendo utilizadas por eles para construir no papel seu nome e sobrenome, o nome da região ou o nome da cidade de origem deles.

Eles gostaram muito da atividade e uma das alunas da turma disse: “Estamos fazendo atividades que as crianças fazem, mais é tão legal! E com essa atividade a gente aprende tanto né”!

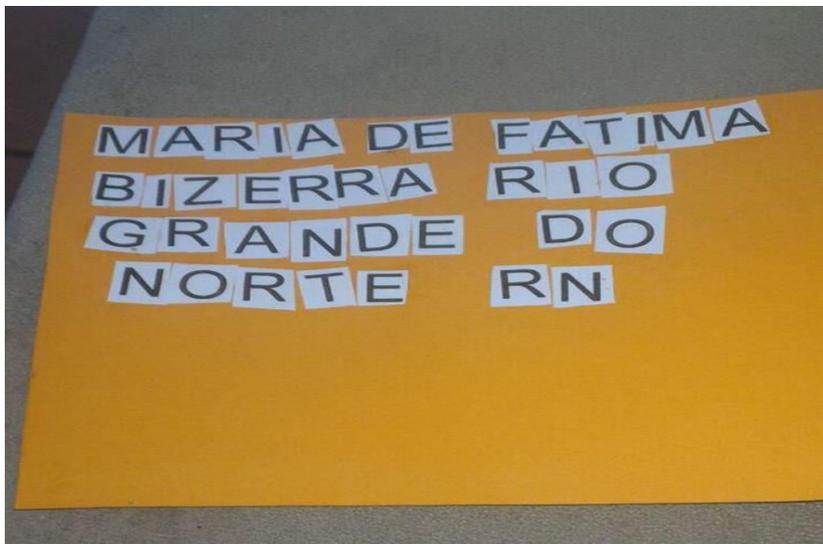


Figura 1 - Atividade de colagem com alfabeto móvel.

À medida que terminavam os educandos iam até o quadro, onde estava o mapa do Brasil e lá, junto com os participantes do GENPEX que estavam orientando a atividade, encontravam a cidade, o estado e a região de onde vieram. Uma das alunas encheu os olhos de água quando encontrou sua cidade, pois disse que ficava muito emocionada quando se lembrava de onde tinha vindo!



Figura 2- Aluno da EJA identificando a sua Região de origem.



Figura 3 - Aluna da EJA identificando sua cidade de origem.



Figura 4- Alunos da EJA identificando as suas Regiões de origem.

5.3.2 Histórias do Paranoá de ontem e de hoje

Esta atividade também foi muito significativa, pois falar sobre a história do lugar onde vivemos é importante para que haja uma completa formação do sujeito. Assim é necessário haver práticas na escola que sejam comprometidas com a realidade histórica dos alunos para que estes estejam prontos a responder as demandas da sociedade.

O que foi proposto com essa atividade é a ressignificação do olhar do educando, através da sua problematização a fim de que perceba o seu entorno como algo que foi construído historicamente e que, portanto, como agente histórico, suas escolhas constituem uma construção histórica.

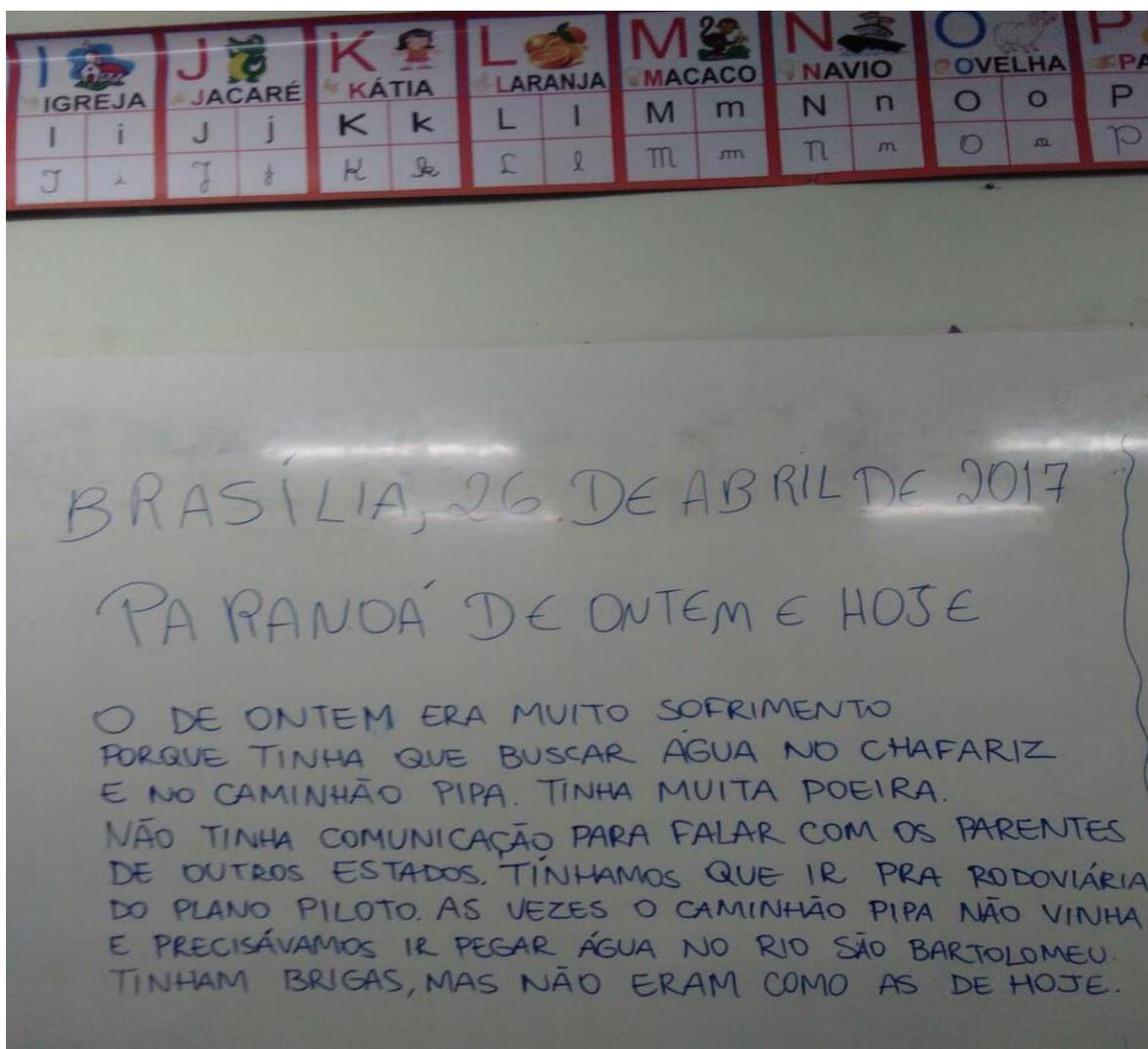


Figura 5 - Texto Coletivo

No dia desta atividade, todos os alunos da turma se reuniram no laboratório de informática para assistir um vídeo produzido por alguns alunos do Ensino Médio do Centro Educacional Darcy Ribeiro, escola pública localizada na cidade do Paranoá, que retrata a história do Paranoá desde o início da cidade até os dias de hoje.



Figura 6 - Alunos, professores e participantes do GENPEX no laboratório de informática.

O vídeo trata das experiências que os pioneiros da cidade enfrentaram, das suas conquistas e dificuldades, e dos avanços e qualidades do local. Durante a exposição do vídeo, percebemos que alguns alunos se lembravam de algumas coisas da época e sussurravam uns com os outros sobre os momentos que passaram.



Figura 7 - Alunos, professores e participantes do GENPEX no laboratório de informática.

Após o vídeo, a continuação da atividade consistia em conhecer a relação dos educandos com a Cidade do Paranoá, e a partir das opiniões dos alunos construímos dois textos coletivos, e para garantir a fala de todos os alunos da turma, dividimos esta em duas partes onde a metade ficou no laboratório de informática e a outra ficou na sala de aula.

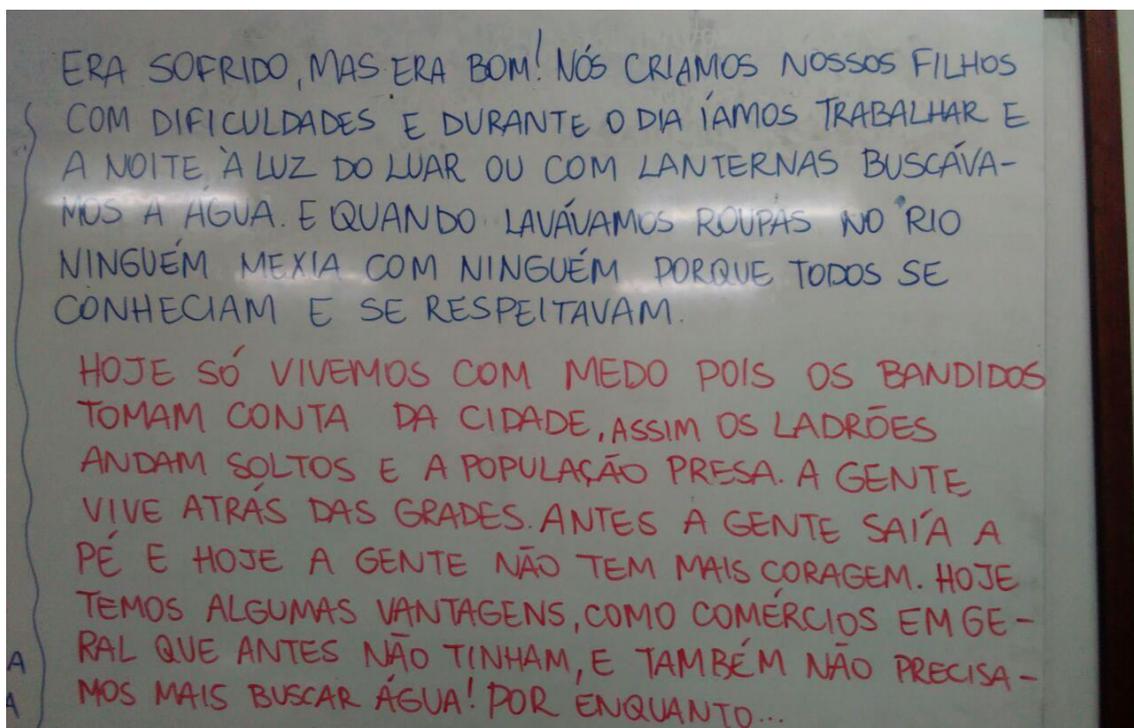


Figura 8 – Texto Coletivo

Assim cada parte da turma de EJA produziu um texto coletivo muito rico. Os alunos falaram como era o Paranoá de ontem com bastante propriedade, ressaltando vários entraves que tinham de desafiar, relataram sobre as dificuldades, a luta diária, a falta de água, o problema com os lotes, como também se lembraram das coisas boas que existiam na época do Paranoá velho, da tranquilidade que viviam e do respeito ao próximo que vigorava no lugar, inferências que percebemos em alguns trechos do texto coletivo (2017):

“Tinha muita poeira. Não tinha comunicação para falar com os parentes de outros estados. Tínhamos que ir pra Rodoviária do Plano Piloto”.

“Às vezes, o caminhão pipa não vinha e precisávamos ir pegar água no rio São Bartolomeu”.

“Quando nós chegamos no Paranoá sofremos muito. O Paranoá se formou fruto de muita luta. A vida era dura”.

“Tinham brigas, mas não eram como as de hoje. Era sofrido, mas era bom! Nós criamos nossos filhos com dificuldades e durante o dia íamos trabalhar e a noite, à luz do luar ou com lanternas, buscávamos a água”.

“Quando lavávamos roupa no rio ninguém mexia com ninguém, porque todos se conheciam e se respeitavam”.(Trechos do texto coletivo produzido na sala de aula em 26/04/2017)

No Paranoá de hoje eles relataram que, embora as melhorias de uma cidade urbanizada tenham chegado com toda força e não precisem sair da cidade para resolver mais nada, eles eram mais satisfeitos com o Paranoá de ontem, pois confiavam mais nas pessoas e não tinham medo de sair nas ruas. Isto está confirmado em alguns trechos do texto coletivo produzido pelos alunos da EJA:

“Hoje, nós temos tudo. Nós temos água, luz, telefone, posto de saúde, supermercado, internet e hospital, mesmo que precário atende muitas pessoas”.

“Não há segurança no Paranoá. Há muitos assaltos. Os ladrões correm atrás das pessoas para roubar o celular”.

“Hoje nós vivemos com medo, pois os bandidos tomam conta da cidade. Assim os ladrões andam soltos e a população presa. A gente vive atrás das grades. Antes a gente saía a pé e, hoje a gente não tem mais coragem”. (Trechos do texto coletivo produzido no laboratório de informática em 26/04/2017)

Ao analisar o texto coletivo produzido pelos estudantes da EJA, um dos participantes do grupo do GENPEX relatou no Diário de Itinerância Coletivo (2017) que “está muito presente a questão da violência no Paranoá. Estudantes com medo, enjaulados, como disseram. Desses textos já percebemos que a situação-problema-desafio do grupo mais forte é a segurança pública”.

A intenção da atividade foi contribuir para que os alunos entendessem que a história do local onde vivem tem uma importante função social, que promove a interação entre o passado e o presente, pois a história se faz através da relação com todos e de todos com o meio, pois através dela as pessoas compreendem as transformações que aconteceram em sua volta, atuando como testemunhas do passado que outrora foram marginalizadas pelo poder, e que hoje são ressignificados e valorizados pela sua experiência, tornando-se sujeitos da história.

A partir destas e das tantas outras atividades desenvolvidas no contexto do Projeto de Inclusão Digital do GENPEX, podemos inferir que as atividades propostas pelo grupo são sempre mediadas pelas TIC's, quando, por exemplo, na primeira atividade utilizamos o computador com internet para procurar os significados dos

nomes e na segunda utilizamos o vídeo que mostrou um pouco da experiência e da história do Paranoá.

Então, esse aluno apreende o conhecimento por intermédio das TIC's, manifestando interesses que retratam sentidos em utilizá-las e acompanhá-las. Ao potencializar o processo de alfabetização e letramento através da mediação das TIC's, abrem-se caminhos de aprendizagens que envolvem várias dimensões desse aluno. Está tudo vinculado. Logo, o uso das TIC's na alfabetização e letramento de sujeitos jovens e adultos faz com que este aluno também tenha um melhor desempenho no âmbito cognitivo, social, cultural e afetivo.

Portanto, a inclusão digital pressupõe a inclusão social. Para estar incluído digitalmente o sujeito da EJA precisa estar incluído socialmente. Assim, é na escola que esse sujeito poderá ter acesso às TIC's de uma maneira primordial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho final de curso investiga as possíveis contribuições do uso do computador na alfabetização de sujeitos jovens e adultos, examinando a relevância desta auxiliada pelo uso do computador, através de atividades que enriquecem a aprendizagem e o desenvolvimento destes alunos.

A pesquisa de natureza qualitativa se deu por meio da observação, diálogo e entrevistas com os estudantes e através das atividades que nós, alunos do GENPEX, desenvolvemos com os educandos da EJA. Estas atividades foram articuladas de acordo com a realidade dos alunos e com os conteúdos da sala de aula, reconhecendo que o processo de evolução das tecnologias é crescente, percebendo a inviabilidade dos alunos da EJA estarem limitados e inerentes ao processo condizente de uma sociedade globalizada e informatizada.

Ao compreender a tecnologia digital como mecanismo de comunicação, verificamos que o uso do computador é um meio de aprendizagem que potencializa a educação de jovens e adultos. O caminho percorrido me permitiu observar o quanto as tecnologias estão presentes no cotidiano dos nossos alunos da Educação de Jovens e Adultos, ou seja, em algum momento de suas vidas estes se deparam com as tecnologias e a maior parte destes alunos não dominam esse conhecimento tecnológico.

É preciso, portanto, proporcionar a esse aluno a autonomia para que ele se torne um ser capaz de ir e vir no mundo virtual, sem precisar sempre solicitar a ajuda de outra pessoa. Portanto ressalto que a aquisição dessa autonomia, desse conhecimento é de responsabilidade da escola e só através do uso e do incentivo dos professores, quanto à utilização dos computadores, os alunos da educação de jovens e adultos se apropriarão desses recursos.

Assim, percebi que o uso das tecnologias traz uma relação de aprendizado recíproca, uma relação de respeito, colaboração e crescimento tanto pessoal como acadêmico. Acredito que quando o professor e o aluno constroem e reconstróem o conhecimento através do uso do computador, há uma construção coletiva que reforça o que dizia Paulo Freire: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo. Os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”.

PARTE III

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.

O professor, assim, não morre jamais...

Rubem Alves

Desde que entrei na UnB já eu sabia o que queria, pois sempre quis ser professora. A pedagogia é muito mais do que eu esperava. Aprendi a olhar e pensar o sujeito em todos os seus âmbitos, a perceber a necessidade deste, ajudando-os a descobrir sua autonomia.

Este aprendizado se intensificou mais ainda quando me deparei com a Educação de Jovens e Adultos, pois lá encontrei sujeitos compromissados, com muita vontade de mudar suas vidas através do que pode favorecer o conhecimento formal e que lutam para se integrar no mundo das letras, enfrentando dificuldades de ordens físicas, financeiras, emocionais e até preconceituosas.

Principalmente por eles e por elas, vou exercer a função docente sem hesitar! Penso em enriquecer minha formação acadêmica, mergulhar em saberes ainda não explorados, para assim tornar-me mais eficiente ainda, contribuindo da melhor maneira possível com a educação brasileira que tanto necessita de atenção e pesquisas na área, retornando o conhecimento que um dia me foi disponibilizado.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de. MORAIS, Artur Gomes de. FERREIRA, Andréa Tereza Brito. A relação entre alfabetização e letramento na Educação de Jovens e Adultos: questões conceituais e seus reflexos nas práticas de ensino e nos livros didáticos. In: **Alfabetizar letrando na EJA: fundamentos teóricos e propostas didáticas** / Organização Telma Ferraz Leal, Eliana Borges Correia de Albuquerque, Artur Gomes de Moraes. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. – (Coleção Estudos em EJA)

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Tecnologias na escola. Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos. In: **Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. 204p. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/livros/Salto_tecnologias.pdf>. Acesso em 11/04/2017.

BARROS, José Orlando Rodrigues de. **A significação identitária da escrita do nome de sujeitos da educação de jovens e adultos em uma escola no Paranoá**. Brasília, 2016. 118p. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2016.

BARROS, Maria das Graças; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. As concepções de interatividade nos ambientes virtuais de aprendizagem. In: **Tecnologias digitais na educação**. Robson Pequeno de Sousa, Filomena da M. C da S. C. Moita, Ana Beatriz Gomes Carvalho (Organizadores). - Campina Grande: EDUEPB, 2011. 276 p. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/6pdyn/pdf/sousa-9788578791247.pdf>>.pdf acesso em 12/07/2017.

BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. WELLER, Wivian. Jovem e mulher: um estudo sobre os posicionamentos de internautas feministas, p.235-254. In: **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens** / Carlos Ângelo de Meneses Sousa (Org.), et al. – Brasília: Liber Livro, 2015.344 p.

BOGDAN, Robert, e BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Trad. Maria Alvarez, Sara dos Santos e Telmo Baptista. Porto, Portugal: Porto Editora, 1994.

BONILLA, Maria Helena Silveira. OLIVEIRA, Paulo Cezar Souza de. Inclusão Digital: Ambiguidades em curso. In: **Inclusão digital: polêmica contemporânea** / Maria Helena Silveira Bonilla, Nelson De Luca Pretto, organizadores. - Salvador: EDUFBA, 2011. Vol. 2.188 p.

BRASIL. Decreto nº 6.300, de 12 de Dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa Nacional de Tecnologia Educacional - ProInfo. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=DEC&num_ato=00006300&seq_ato=000&vlr_ano=2007&sgl_orgao=NI> Acesso em: 11/07/2017.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital**. 2007. 284f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

CARVALHO, Olgamir Francisco de; SENA, Valéria Kneipp. **Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos: módulo I, unidade 2**. Brasília: SESI-DN, 2000, 204p, p.107-193(Parecer CEB/CNE n.º 1/2000).

CETIC. Centro de Estudos sobre as tecnologias da Informação e da Comunicação. **TIC Domicílios e Usuários 2015**. Total Brasil. Disponível em: <<http://www.cetic.br/pesquisa/domicilios/>>. Acesso em: 18/05/2017.

CODEPLAN. **Companhia de Planejamento do Distrito Federal**. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/images/CODEPLAN/PDF/pesquisa_socioeconomica/pdad/2015/PDAD_Paranoa_2015.pdf> Acesso em: 20/04/2017.

COELHO, Suzana Lanna Burnier; CRUZ, Regina Mara Ribeiro. **Limites e Possibilidades das Tecnologias Digitais na Educação de Jovens e Adultos**. Anais eletrônicos, ANPEd, 31; GT18, Caxambu, MG. Rio de Janeiro: ANPEd, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa – 3ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

FRAPORTI, Lenemar Lucia Penso. **O uso das TDICs no processo de ensino e aprendizagem de gêneros do discurso**. Florianópolis SC, 2016. 24p. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/169825/TCC_Fraporti.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 11/07/2017.

FRIEDRICH, Márcia et al . Trajetória da escolarização de jovens e adultos no Brasil: de plataformas de governo a propostas pedagógicas esvaziadas. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro , v. 18, n. 67, p. 389-410, jun. 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 17/05/2017.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra.1981. 149 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; DI PIERRO, Maria Clara. **Preconceito contra o analfabeto**. São Paulo: Cortez, 2007. (cap. 1 e 2)

GOMEZ, Margarita V. Alfabetização na Esfera Digital: Uma Proposta Freireana. **Revista educação em foco. Juiz de Fora**. Vol. 7, nº 1, p 1-17. 2002. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/06.pdf>>. Acesso em 22/05/2017

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar da Educação Básica 2016**. Notas Estatísticas Brasília-DF. Fevereiro de 2017. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2017/notas_estatisticas_censo_escolar_da_educacao_basica_2016.pdf>. Acesso em 18/05/2017.

KENSKI, Vani Moreira. **Novos processos de interação e comunicação no ensino mediado pelas tecnologias** - Universidade de São Paulo Faculdade de Educação – FEUSP- Novembro/2008 – Disponível em: <http://www.prpg.usp.br/attachments/article/640/Caderno_7_PAE.pdf>. Acesso em 11/07/2017

LEMOS, André. Prefácio, In: **Inclusão digital: polêmica contemporânea** / Maria Helena Silveira Bonilla, Nelson De Luca Pretto, Organizadores. - Salvador: EDUFBA, 2011. v. 2, 188 p.

MACHADO, Margarida. A educação de jovens e adultos no Brasil pós-Lei 9.394/96: a possibilidade de constituir-se como política pública. In: **Em Aberto**, v.22, n. 82. Brasília: INEP, 2009.

MACHADO, Margarida. A educação de jovens e adultos Após 20 anos da Lei nº 9.394, de 1996. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 10, n. 19, p. 429-451, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.esforce.org.br/> Acesso em: 29/03/2017.

MORAIS, Artur G. e ABUQUERQUE, Eliana B. De. Alfabetização e letramento: o que são? Como se relacionam? Como “alfabetizar letrando”, p.59-73 in: Albuquerque, Eliana B. C. de. **A alfabetização de jovens e adultos numa perspectiva de letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. **A Pesquisa escolar propiciando a integração dos atores – alunos, Educadores e bibliotecários - irradiando o benefício coletivo e a cidadania em um ambiente de aprendizagem mediado por computador**. 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13662/7947>>. Acesso em 20/05/2017.

NOVA ESCOLA. O computador pode ser um grande aliado da alfabetização de adultos. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5nKv1mcRqQE>. Acesso em 16/04/2017.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera M. (Org.). **Educação de jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado das Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: Ação Educativa, 2001. (Coleção Leituras do Brasil).

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL (SEDF). **Currículo em Movimento da Educação Básica - EJA - DF 2013**, pdf. Disponível em: <<http://www.se.df.gov.br/educacao-de-jovens-e-adultos.html>>. Acesso em 29/05/2017.

SILVA, Marco. Tecnologias na escola. Internet na escola e inclusão. In: **Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005. 204p. Disponível em: <http://www.pucrs.br/famat/viali/tic_literatura/livros/Salto_tecnologias.pdf>. Acesso em 11/04/2017.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. MCB University Press, 2001. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf> Acesso em: 21/04/2017.

RAMOS, Sérgio. **Tecnologias da Informação e da Comunicação: Conceitos Básicos**. Outubro de 2008. 17p. Disponível em: <http://livre.fornece.info/media/download_gallery/recursos/conceitos_basicos/TICConceitos_Basicos_SR_Out_2008.pdf>. Acesso em: 11/07/2017.

ROQUE, Moraes. Análise de conteúdo. Revista de Educação. Porto Alegre N°37, 1999. Disponível em: <<http://pesquisaemeducaoufrgs.pbworks.com/w/file/fetch/60815562/Analise%20de%20conte%C3%BAdo.pdf>> Acesso em: 11/07/2017.

SANTOS, Marisilvia dos, SCARABOTTO, Suelen do Carmo dos Anjos, MATOS, Elizete Lucia Moreira. **“Imigrantes e nativos digitais: um dilema ou um desafio na educação?”** Novembro de 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5409_3781.pdf> Acesso em: 08/04/2017.

VAL, Maria da Graça Costa. O que é ser alfabetizado e letrado? In: **Práticas de leitura e escrita** / Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça (orgs.). – Brasília: Ministério da Educação, 2006. 180 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf> Acesso em: 14/04/2017.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

NOME:
IDADE:
SEXO: ()MASCULINO ()FEMININO
CIDADE DE ORIGEM:
CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE:
TEM RELIGIÃO? () NÃO () SIM - QUAL?
TEM FILHOS? () NÃO ()SIM - QUANTOS?
ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? ()1ª ()2ª
PROFISSÃO:
TEM COMPUTADOR EM CASA? ()NÃO ()SIM - QUANTOS?
UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA? () NÃO ()SIM /ONDE?
TEM FACEBOOK? () NÃO ()Sim
UTILIZA CELULAR? () NÃO ()SIM - ()DIGITAL
JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? () NÃO ()SIM /ONDE?
O que o (a) motivou a estudar?
Você gosta de estudar? Se sim, o que mais gosta na escola? Se não, por quê?
Em sua opinião, o que precisa melhorar na escola?
O computador tem ajudado na sua alfabetização? Como?
Você tem alguma dificuldade nas aulas de informática? Se sim, qual é?
Você acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia? Por quê?
Você usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento? A escola tem contribuído para você usar estas tecnologias?
O que você já faz no computador hoje e que não fazia antes?
O que precisamos fazer para melhorar as aulas de informática que oferecemos a você?
O que você pensa para o seu futuro no que se refere a sua formação escolar?

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Departamento de Métodos e Técnicas

Pesquisa/título: O USO DO COMPUTADOR NA EJA COMO POTENCIALIZADOR
DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO
PROJETO DE INCLUSÃO DIGITAL DO GENPEX

Nome: Dayane Magalhães Martins Justo

(matrícula nº: 120157276)

Orientadora: Maria Clarisse Vieira

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a (o)

aluna(o): _____,
matriculada(o) na Educação de Jovens e Adultos da Escola, declaro que fui informada(o) e estou ciente quanto à realização do trabalho de pesquisa acima destacado, desenvolvido nas dependências dessa Escola, tendo contribuído voluntariamente com minha participação na entrevista realizada nesta data.

Assim sendo, concordando com a realização da entrevista e com sua gravação, autorizo o uso e a divulgação do áudio da gravação, mas também, do meu nome, apenas e tão somente no que se refere à citada pesquisa.

Observo que me foi entregue uma cópia deste termo.

Atenciosamente,

Brasília - DF, _____ de _____ de 2017.

Ass.: _____

APÊNDICE C - TEXTOS COLETIVOS

TURMA DO PRIMEIRO SEGMENTO DE EJA DA ESCOLA IPÊ AMARELO DO PARANOÁ

TEXTO COLETIVO PRODUZIDO NA SALA DE AULA:

PARANOÁ DE ONTEM E HOJE

O DE ONTEM ERA MUITO SOFRIMENTO, PORQUE TINHA QUE BUSCAR ÁGUA NO CHAFARIZ E NO CAMINHÃO PIPA. TINHA MUITA POEIRA. NÃO TINHA COMUNICAÇÃO PARA FALAR COM OS PARENTES DE OUTROS ESTADOS. TÍNHAMOS QUE IR PRA RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO. ÀS VEZES, O CAMINHÃO PIPA NÃO VINHA E PRECISÁVAMOS IR PEGAR ÁGUA NO RIO SÃO BARTOLOMEU. TINHAM BRIGAS, MAS NÃO ERAM COMO AS DE HOJE. ERA SOFRIDO, MAS ERA BOM! NÓS CRIAMOS NOSSOS FILHOS COM DIFICULDADES E DURANTE O DIA ÍAMOS TRABALHAR E À NOITE, À LUZ DO LUAR OU COM LANTERNAS, BUSCÁVAMOS A ÁGUA E QUANDO LAVÁVAMOS ROUPAS NO RIO NINGUÉM MEXIA COM NINGUÉM, PORQUE TODOS SE CONHECIAM E SE RESPEITAVAM. HOJE SÓ VIVEMOS COM MEDO, POIS OS BANDIDOS TOMAM CONTA DA CIDADE. ASSIM, OS LADRÕES ANDAM SOLTOS E A POPULAÇÃO PRESA. A GENTE VIVE ATRÁS DAS GRADES. ANTES A GENTE SAÍA A PÉ E, HOJE, A GENTE NÃO TEM MAIS CORAGEM. HOJE, TEMOS ALGUMAS VANTAGENS, COMO COMÉRCIOS EM GERAL QUE ANTES NÃO TINHA E, TAMBÉM, NÃO PRECISAMOS MAIS BUSCAR ÁGUA! POR ENQUANTO...

TEXTO COLETIVO PRODUZIDO NO LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA:

PARANOÁ: FORMAÇÃO E CONQUISTA

O PARANOÁ COMEÇOU A SE FORMAR COM A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM. AS PESSOAS VINHAM DE FORA PARA TRABALHAR NA CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM. A MAIORIA DAS PESSOAS MIGRARAM DO NORDESTE DO BRASIL PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA CAPITAL. AS PESSOAS NÃO TINHAM COMO VOLTAR PARA SUAS TERRAS. ENTÃO,

CONSTRUIRAM OS SEUS BARRACOS. QUANDO NÓS CHEGAMOS NO PARANOÁ SOFREMOS MUITO. O PARANOÁ SE FORMOU FRUTO DE MUITA LUTA. A VIDA ERA DURA.

FALTAVA ÁGUA, NÃO TINHA SUPERMERCADO, FARMÁCIA, TRANSPORTE PÚBLICO E POSTO MÉDICO. APENAS DUAS PESSOAS TINHAM CARRO, QUE ERAM O SENHOR RAIMUNDO, POLICIAL, QUE TINHA UMA RURAL E O SR LUISINHO, QUE TINHA UMA CAMINHONETE DA NOVACAP.

A LUZ ERA SÓ PARA QUEM TRABALHAVA NA COMPANHIA ENERGÉTICA DE BRÁSÍLIA (CEB).

OS GOVERNANTES NÃO NOS QUERIAM AQUI, PORQUE NÓS ERAMOS MUITO POBRES. O PARANOÁ É UMA ÁREA NOBRE, E FICA NOS FUNDOS DO PALÁCIO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA. OS BARRACOS ERAM DE MADERITE. NÓS COLOCÁVAMOS O MADERITE NO SOL PARA FICAR COM UMA APARÊNCIA DE MADEIRA MAIS VELHA PARA A NOVACAP NÃO COMPLICAR. NÃO PODÍAMOS COLOCAR NENHUM PREGO, PORQUE NÃO ERA PARA RENOVAR OU CRIAR MAIS CASAS.

HOJE, NÓS TEMOS TUDO. NÓS TEMOS ÁGUA, LUZ TELEFONE, POSTO DE SAÚDE, SUPERMERCADO, INTERNET E HOSPITAL, MESMO QUE PRECÁRIO, ATENDE MUITAS PESSOAS. UM DIA DONA ERNI FOI LÁ NO HOSPITAL ÀS 05:00 HORAS DA TARDE E SAIU ÀS 03:00 HORAS DA MANHÃ, QUANDO PEGOU UM ATESTADO MÉDICO DE DOIS DIAS E VOLTOU FELIZ PARA CASA. NÃO HÁ SEGURANÇA NO PARANOÁ. HÁ MUITOS ASSALTOS. OS LADRÕES CORREM ATRÁS DAS PESSOAS PARA ROUBAR O CELULAR.

NO PARANOÁ TEM PESSOAS QUE ENFRENTAM OS ASSALTANTES. AQUI ASSALTAM MAIS MULHERES DO QUE HOMENS. TAMBÉM, TEM SEQUESTRO RELÂMPAGO. AS PESSOAS ESTÃO COM MEDO. SOLTARAM UM SENHOR EM MORRO. QUASE O MATARAM. CADÊ A POLÍCIA. NÓS QUEREMO MAIS SEGURANÇA.

PARANOÁ – 26/ABR/ 2017

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 1 – Realizada em 08/05/2017, às 20h07 (duração de 8 minutos e 35 segundos) na Escola Ipê Amarelo do Paranoá/DF.

NOME³: Elenice

IDADE: 74

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

CIDADE DE ORIGEM: Bahia

CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE: Paranoá

TEM RELIGIÃO? () NÃO (X) SIM - QUAL? Evangélica

TEM FILHOS? () NÃO (X) SIM - QUANTOS? Seis

ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? (X) 1^a () 2^a

PROFISSÃO: Aposentada

TEM COMPUTADOR EM CASA? (X) NÃO () SIM - QUANTOS?

UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA?
(X) NÃO () SIM – ONDE?

TEM FACEBOOK? (X) NÃO () SIM

UTILIZA CELULAR? (X) NÃO () SIM - () DIGITAL

JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? (X) NÃO () SIM/ONDE?

Dayane: O que motivou a senhora a estudar?

Elenice: Ô minha filha, é força e vontade por que eu não sabia nem ler nem escrever, nem fazer meu nome direito eu não sabia, sabe! Então meus filhos, tudo o que comprava botava endereço da minha casa. Aí chegava e eu disse: moço, moço quem mandou? Foi fulano de tal assim e assim, é seu filho num é? Eu disse: É. Eu disse: olha eu não sei fazer meu nome. Eu tinha que pegar a identidade e dar pra ele pra ele botar lá. Aí ele disse olha, a senhora podia estudar, a senhora é muito inteligente! Até a voz da senhora é como se fosse de uma pessoa que soubesse! Eu disse: Olha é por que eu sou assim mesmo! Aí eu fui e voltei!

Dayane: Que bom dona Elenice! Muito bem! E a senhora gosta de estudar?

Elenice: Gosto minha filha.

Dayane: E o que a senhora mais gosta na escola?

Elenice: Minha filha eu gosto de estudar, gosto da aula de informática, sabe, gosto dos alunos, gosto da minha professora querida e gosto de vocês também!

Dayane: Que bom dona Elenice! A gente também adora a senhora!

Dayane: Na opinião da senhora, o que precisa melhorar na escola?

³ Os nomes dos participantes entrevistados são fictícios.

Elenice: Assim, minha filha, precisa melhorar... papel higiênico no banheiro, né que tá faltando, as vezes a gente vai lá não tem né, aí a gente tem que trazer de casa, e... bom né... eu acho que só né! É só...

Dayane: Só? E os professores, eles ensinam bem?

Elenice: Os professores ensinam muito bem sabe, na hora que eu estou com dúvida sim, aí eu faço isso: por favor, passa aqui! Sabe. Aí eles vêm, passa e olha e se eu não souber eles vão no quadro tá, explica, e explica.

Dayane: Há sim. Tá certo.

Dayane: A senhora acha que o computador tem ajudado na sua alfabetização?

Elenice: Tem, tem sim.

Dayane: Como?

Elenice: É porque eu nunca peguei num computador. Estou pegando agora! Aí eu não sabia nem onde era o A nem onde era o B, onde era o H onde era nada.

Dayane: A senhora tem alguma dificuldade nas aulas de informática?

Elenice: Tem, tem.

Dayane: Qual?

Elenice: Às vezes eu não sei alguma coisa aí eu vou e pergunto vocês. É... Digitar e gravar o que eu tenho que fazer.

Dayane: Há tá, entendi.

Dayane: E... a senhora acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia?

Elenice: Acho. Acho sim.

Dayane: Por quê?

Elenice: Porque é importante né. Eu sempre tinha vontade de usar então apareceu essa oportunidade né e eu falei não vou perder né! É importante a gente saber usar essas coisas né.

Dayane: Sim, Sim, é importante.

Dayane: A senhora usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento?

Elenice: Eu não uso não. Mas se eu tivesse de usar a escola me ajudou sim porque aí eu já estou aprendendo a ler né!

Dayane: E quando a senhora tem que ir no banco?

Elenice: Quando tem que ir no banco meu filho faz tudo pra mim!

Dayane: Há sim, seu filho te ajuda né!

Dayane: Mas se a senhora tivesse que usar, o que a senhora já aprendeu na escola, ajudaria pra senhora usar estas tecnologias?

Elenice: Se eu tivesse de usar a escola me ajudou sim porque aí eu já estou aprendendo a ler né!

Dayane: Sim, sim.

Dayane: O quê que a senhora já faz no computador hoje e que não fazia antes?

Elenice: Tudo... Tudo que eu faço hoje eu não fazia, porque eu nunca tinha usado.

Dayane: Há sim, tá certo.

Dayane: O quê que a gente precisa fazer para melhorar as aulas de informática?

Elenice: Aumentar a quantidade de professoras, porque às vezes a gente tá lá esperando e demora pra chegar até a gente. É porque tem 4, 5 e aí fica ocupado com os outros lá né, aí eu tenho que chamar: ou, por favor, me ajuda aqui! Vê aqui o que eu fiz! E aí as vezes estão atendendo os outros alunos e não dá pra atender toda hora né.

Elenice: É mesmo dona Elenice, se desse pra gente aumentar a quantidade de pessoal era melhor mesmo!

Dayane: E... o quê que a senhora pensa para o seu futuro no que se refere a sua formação escolar?

Elenice: Minha filha, se Deus me der muitos anos de vida eu não pretendo deixar a escola não! Se Deus me der muitos anos de vida eu vou fazer tudo!

Dayane: Ô dona Elenice! Isso mesmo! Parabéns pela força da senhora viu! E muito obrigada por me ajudar com sua entrevista viu?!

Elenice: De nada, minha filha!

ENTREVISTA 2 - Realizada em 08/05/2017, às 20h34 (duração de 5 minutos e 31 segundos) na Escola Ipê Amarelo do Paranoá/DF.

NOME: Íris

IDADE: 31

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

CIDADE DE ORIGEM: Maranhão

CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE: Paranoá

TEM RELIGIÃO? (X) NÃO () SIM - QUAL?

TEM FILHOS? () NÃO (X) SIM - QUANTOS? Um

ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? (X) 1ª () 2ª

PROFISSÃO: Empregada Doméstica

TEM COMPUTADOR EM CASA? (X) NÃO () SIM - QUANTOS?

UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA?
(X) NÃO () SIM – ONDE?

TEM FACEBOOK? (X) NÃO () Sim

UTILIZA CELULAR? () NÃO (X) SIM - (X) DIGITAL

JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? (X) NÃO () SIM/ONDE?

Dayane: O que motivou você a estudar?

Íris: É porque eu não sei nada. Aí eu tenho vontade de aprender. Meu sonho é aprender a ler e escrever.

Dayane: Que bacana! Vai aprendendo devagarzinho, e já já você vai tá lendo tudo né!

Dayane: E você gosta de estudar?

Íris: Gosto muito. Eu não falto.

Dayane: E o que mais você gosta na escola?

Íris: Gosto de tudo que ensinam, porque eu quero aprender.

Dayane: Que bom Íris! Que joia!

Dayane: É...na sua opinião, o que você acha que precisa melhorar na escola?

Íris: As professoras dar aulas mais difíceis pra gente, pra gente aprender as coisas mais difíceis.

Dayane: Os professores são bons pra ensinar?

Íris: Os professores são bons, e tem muita paciência, porque com quem não sabe tem que ter muita paciência.

Dayane: É mesmo... tem que respeitar o tempo de aprendizagem do aluno!

Dayane: E você acha que computador tem ajudado na sua alfabetização?

Íris: Tem.

Dayane: Como?

Íris: Porque eu gosto. E quando a gente gosta a gente aprende mais.

Dayane: É mesmo! Quando a gente gosta, a gente aprende mais!

Dayane: E você tem alguma dificuldade nas aulas de informática?

Íris: Não, até que não porque muitas coisas ali eu até já aprendi. E também eu já aprendi ligar, mexer, botar o nome das pessoas né. É fácil.

Dayane: Há! Que bom então que você acha fácil!

Dayane: É... você acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia?

Íris: Eu acho que é importante sim. Porque se quiser investigar alguma coisa, tem que ir ali olhar, vê como é porque pra pesquisar alguma informação tem que saber mexer no computador né. Porque tem que aprender muitas coisas né. Eu acho. Tem que acompanhar os avanços.

Dayane: Por quê?

Íris: Porque se quiser investigar alguma coisa, tem que ir ali olhar, vê como é, porque pra pesquisar alguma informação tem que saber mexer no computador né. Porque tem que aprender muitas coisas né. Eu acho. Tem que acompanhar os avanços.

Dayane: É mesmo, é importante acompanhar.

Dayane: E você usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento?

Íris: Celular e tablete sim. Caixa eletrônico não.

Dayane: E você acha que a escola tem contribuído para você usar estas tecnologias?

Íris: Sim, a escola ajuda porque muitas coisas eles explicam aqui. Então se eu souber ler fica mais fácil de mexer em tudo.

Dayane: É sim. Quando a gente sabe ler facilita sim.

Dayane: E o quê que você já faz no computador hoje e que não fazia antes?

Íris: Ligar, desligar o computador, ensinaram a botar os nomes, a colocar o RG.

Dayane: Há tá. Tá certo

Dayane: O quê que a gente precisa fazer para melhorar as aulas de informática que oferecemos a vocês?

Íris: Coisas novas né!

Dayane: Huhum...

Íris: Porque muita coisa a gente não sabia mais vai aprendendo. Ensinar mais coisas.

Dayane: Concordo, porque tem que avançar né!

Dayane: E...o que você pensa para o seu futuro no que se refere a sua formação escolar?

Íris: Eu tenho vontade de continuar até o final, porque é meu sonho. Acho que é o sonho de todo mundo né!

Dayane: Tá certo então Íris! Muito obrigada pela sua entrevista tá!

Íris: De nada!

ENTREVISTA 3 - Realizada em 08/05/2017, às 20h44 (duração de 8 minutos e 18 segundos) na Escola Ipê Amarelo do Paranoá/DF.

NOME: Alana

IDADE: 41

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

CIDADE DE ORIGEM: Bahia

CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE: Paranoá

TEM RELIGIÃO? () NÃO (X) SIM - QUAL? Católica

TEM FILHOS? () NÃO (X) SIM - QUANTOS? Dois

ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? (X) 1ª () 2ª

PROFISSÃO: Empregada Doméstica

TEM COMPUTADOR EM CASA? (X) NÃO () SIM - QUANTOS?

UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA?
(X) NÃO () SIM – ONDE?

TEM FACEBOOK? () NÃO (X) Sim

UTILIZA CELULAR? () NÃO (X) SIM - (X) DIGITAL

JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? (X) NÃO () SIM/ONDE?

Dayane: O que motivou você a estudar?

Alana: Eu me interessei porque eu quero aprender a ler mais, quero aprender a escrever, entendeu? É isso que eu quero, o meu sonho é aprender ler e escrever, por isso que eu voltei pra escola. É muito ruim você não sabe ler, né! muito ruim as vezes você quer lê aquele negócio e não consegue ler, é ruim demais. Precisa ir em algum lugar e pegar ônibus e tem que ficar perguntando pros outros e os outros informam errado. Já aconteceu isso comigo. De eu perguntar e pegar o ônibus errado e parar em outro lugar. Aí por isso que eu voltei a estudar, porque eu quero aprender a ler e a escrever. É meu sonho ler.

Dayane: que bom então, seu sonho vai se realizar logo logo!

Dayane: Você gosta de estudar?

Alana: Eu gosto!

Dayane: E o que mais você gosta na escola?

Alana: Gosto de português. Matemática eu não sou muito fã não. Que é conta né! Eu gosto de ler, quando a professora passa alguma coisa no quadro eu fico reparando o quê que ela escreveu ali.

Dayane: Há...legal! eu também gosto mais de português!

Dayane: É...Na sua opinião, que precisa melhorar na escola?

Alana: Acho que nada não!

Dayane: Nada? E os professores ensinam direitinho?

Alana: Eu estou gostando da aula, é muito bom, eles ensinam direitinho, entendeu?

Dayane: Entendi! Que bom então! Isso significa que vocês vão aprender direitinho!

Dayane: É... você acha que computador tem ajudado na sua alfabetização?

Alana: Têm.

Dayane: Como?

Alana: Assim, porque eu nunca tinha mexido em computador. Eu já escrevi o meu nome lá, né, o nome dos meus colegas, entendeu? O nome da minha mãe que eu nunca nem tinha escrito, o nome da cidade que eu nasci, a história do meu nome.

Dayane: Há sim, você já faz várias coisas no computador né!

Dayane: E você tem alguma dificuldade nas aulas de informática?

Alana: Tem hora que eu me atrapalho. Eu fico com medo de não saber mexer no computador direito, tem horas que me dá um nervoso, às vezes eu boto uma letra e tento apagar aí fico com medo de não acertar. Entendeu? Mas eu estou achando legal! Estou gostando muito porque eu nunca tinha mexido em computador. Eu nunca tinha escrito nada no computador. Eu achei interessante, muito bom. Eu estou gostando.

Dayane: Que bom que você está gostando!

Dayane: Mas você acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia?

Alana: Eu acho que é importante porque você vai ficando por dentro, você vai aprendendo mais, tem que tá acompanhando. Você vai ficando mais por dentro, vai aprendendo mais as coisas né. Na minha cabeça é isso né.

Dayane: É isso mesmo!

Dayane: E você usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento?

Alana: Celular e Tablet. Caixa eletrônico não, porque eu não sei mexer né.

Dayane: E a escola tem contribuído para você usar estas tecnologias?

Alana: A escola ajuda porque tem que saber ler e escrever né, pra saber o quê que você vai colocar ali, as letras tudo direitinho. Porque quando você tá na escola, devagar você vai aprendendo um monte de coisa, entendeu? Vai ficando mais por dentro das coisas. Por isso que eu voltei a estudar porque eu quero aprender ler, eu quero ver tudo assim que eu ver escrito eu saber ler o que que está escrito ali, entendeu? Em todo lugar que eu vejo uma plaquinha eu tento ler aquilo ali que tá escrito.

Dayane: Muito bem Alana! Assim você está treinando o que já aprendeu aqui, facilitando mais ainda pra aprender a ler né!

Dayane: E o quê que você acha que precisamos fazer para melhorar as aulas de informática ?

Alana: Pra mim está tranquilo. Eu estou começando a gostar, o que vocês estão escrevendo eu estou conseguindo colocar no computador né. Então...Pra mim tá bom!

Dayane: Que bom então!

Dayane: E o que você pensa para o seu futuro no que se refere a sua formação escolar?

Alana: Eu penso sim no meu futuro. Eu quero aprender a ler a escrever, ver que eu consigo faculdade pra arrumar um serviço melhor, sair da casa de família, que eu sei que casa de família é bom né, mas também no mesmo instante não é, é humilhante, entendeu? Eu sei que todo serviço é né, mas eu quero arrumar um serviço melhor né. Você trabalha nas casas dos outros, chega na tua casa você tem que fazer a mesma coisa, entendeu? É um serviço que nunca acaba, dona de casa. É um serviço que não é valorizado. Tem patrão que dá valor, já tem outros que não dá, sabe. Aí hora que é uma humilhação. Mas é assim mesmo, o importante é que é um serviço honesto né, não é com malandragem, o importante é isso né! É um dinheiro suado, abençoado né. Por isso que eu voltei a estudar, entendeu? Pra mim poder aprender ler, escrever, pra poder arrumar outro serviço melhor ,porque hoje em dia tudo o que você vai fazer tem que saber ler, tem que saber escrever, né!

Dayane: Isso. Isso mesmo! E você vai conseguir realizar seus sonhos sim tá! Obrigada pela ajuda da entrevista!

Alana: De nada fia!

ENTREVISTA 4 - Realizada em 10/05/2017, às 20h32 (duração de 8 minutos e 39 segundos) na Escola Ipê Amarelo do Paranoá/DF.

NOME: Elaine

IDADE: 44

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

CIDADE DE ORIGEM: Minas Gerais

CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE: Paranoá

TEM RELIGIÃO? () NÃO (X) SIM - QUAL? Evangélica

TEM FILHOS? () NÃO (X) SIM - QUANTOS? Dois

ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? (X) 1^a () 2^a

PROFISSÃO: Vendedora

TEM COMPUTADOR EM CASA? () NÃO (X) SIM - QUANTOS? Um

UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA?

() NÃO (X) SIM – ONDE? Em casa

TEM FACEBOOK? () NÃO (X) Sim

UTILIZA CELULAR? () NÃO (X) SIM - (X) DIGITAL

JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? (X) NÃO () SIM/ONDE?

Dayane: O que a motivou a estudar?

Elaine: Porque eu perdi muitas oportunidades pra trabalhar, porque eu tinha que ter pelo menos a quarta ou quinta serie e eu tinha parado no segundo ano, eu não sabia de nada. Depois que eu voltei a estudar, que eu comecei esse ano eu já estou bem sabe, já estou sabendo ler, já estou sabendo matemática que eu não sabia nem fazer conta, agora eu já estou sabendo e eu estrou gostando muito muito.

Dayane: Você gosta de estudar? O que mais gosta na escola?

Elaine: Gosto. Estudar português. Matemática mais ou menos, porque tem umas contas né! Mas dá pra entender. Porque a gente tá começando agora né!

Dayane: O que precisa melhorar na escola?

Elaine: Nada não. Assim, no início a gente estava com dificuldades com a professora, de matemática, só que conversaram com ela e agora ela está maravilhosa. Mas agora melhorou.

Dayane: O computador tem ajudado na sua alfabetização? Como?

Elaine: Sim. Eu não sabia mexer nem no computador e me ensinaram só uma vez e eu já estou bem prática.

Dayane: Você tem alguma dificuldade nas aulas de informática? Se sim, qual é?

Elaine: Mais ou menos. Algumas. Igual rolar pra cima e pra baixo. Entrar eu já estou sabendo, apagar também. Só é questão de a gente pegar pratica né!

Dayane: Você acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia? Por quê?

Elaine: Sim. Porque é bom. Depois que eu passei a participar dessas aulas de informática eu já estou bem no computador. É porque hoje em dia tudo a gente tem que usar as tecnologias. Por exemplo, se a gente vai à farmácia compra um remédio e quer ver a bula, você vai ter que digitar o nome do remédio, então a gente tem que aprender a usar o computador.

Dayane: Você usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento? A escola tem contribuído para você usar estas tecnologias?

Elaine: Celular digital e caixa eletrônico sim. Eu tenho o cartão debito e a senha! Tablet não. Meu menino tem, mas eu não uso não. A escola me ajudou muito.

Dayane: O que você já faz no computador hoje e que não fazia antes?

Elaine: Escrever menina! Que eu não sabia nem escrever, nem entrar, nem ligar. Agora já sei.

Dayane: O que precisamos fazer para melhorar as aulas de informática que oferecemos a você?

Elaine: Pra mim nada não. A gente é quem tem que quebrar a cabeça! É que nem um jogo! Mas tá excelente!

Dayane: O que você pensa para o seu futuro no que se refere a sua formação escolar?

Elaine: Eu penso em continuar porque eu ia trabalhar de monitora cuidando de criança né, só que tem que ter pelo menos a quinta serie. Então eu vou correr atrás até, enquanto eu tiver um prazo pra estudar, eu estou estudando. Igual eu cheguei do trabalho agora mesmo e eu levanto seis horas da manhã e estou aqui. Se fosse outro era pra estar dormindo. Se eu tiver vida e saúde, eu não tendo problema de saúde nenhum, eu vou até o final.

ENTREVISTA 5 - Realizada em 10/05/2017, às 20h46 (duração de 10 minutos e 45 segundos) na Escola Ipê Amarelo do Paranoá/DF.

NOME: Caio

IDADE: 40

SEXO: (X)MASCULINO ()FEMININO

CIDADE DE ORIGEM: Gama - DF

CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE: Paranoá

TEM RELIGIÃO? () NÃO (X) SIM - QUAL? Católica

TEM FILHOS? () NÃO (X)SIM - QUANTOS? Dois

ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? (X)1^a()2^a

PROFISSÃO: Ajudante em obras de trânsito

TEM COMPUTADOR EM CASA? (X)NÃO ()SIM - QUANTOS?

UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA?
(X)NÃO ()SIM – ONDE?

TEM FACEBOOK? ()NÃO (X)Sim

UTILIZA CELULAR? ()NÃO (X)SIM - (X)DIGITAL

JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? (X)NÃO()SIM/ONDE?

Dayane: O que motivou você a estudar?

Caio: Minha mãe. Minha mãe fala: há meu filho, tem que voltar a estudar e tal, porque é bom e tudo e tal. Só que quando eu era menor, as professoras de antigamente pegava os alunos, lia o nome de todo mundo, sabe? E aí botava o dever lá no quadro pra todo mundo copiar, aí chamava de um por um: “Fulano de tal vem aqui na minha carteira, traz a sua cadeira, senta aqui”. Aí a gente lia o livro do começo até o final e ela falava: “Ó, não tem pressa, devagar, calma, respira, se tiver alguma coisa que, uma vírgula, ou alguma coisa assim peça a minha ajuda que eu estou bem aqui!”. E ela ficava assim só ouvindo e quando a gente embolava algumas palavras, algumas linhas e tudo ela chegava e falava: “Não, volta lá”. Mas a gente ficava muito nervoso porque naquela época eu era pequenininho, e a professora: “e aí? terminou? Terminei. Volta pra lá”. E todo mundo em silêncio. Se alguém desse um pio, haá menino...

Eu queria aquele aprendizado de lá daquela época que não existe mais. Se você vê as professoras elas: “pá, pá, pá e pronto”. Entendeu? A Ivana é igual a que eu tive lá atrás. Ela chega com calma, conversa e tudo, ela lê, ajuda a gente, dá uma olhadinha e tal fala: “Ó isso aqui tá errado, isso aqui tá certo, falta uma letrinha aqui e tal”. Então ela vê os pequenos erros que tem na pessoa.

Dayane: Entendi!

Dayane: E você gosta de estudar?

Caio: Eu gosto de estudar com a professora de português. Ela é uma excelente professora. Já a outra não. A outra é assim... Como se diz... Um espinho.

Dayane: E o que você mais gosta na escola?

Caio: O que eu mais gosto é estudar com a professora de português.

Dayane: Há tá!

Dayane: E o que você acha que precisa melhorar na escola?

Caio: A professora de matemática e outra professora que falam muito alto. Moço, você está lá atrás e parece que ela tá bem aqui assim: “pá, pá, pá... moço, tu é doido”. Ela tem que melhorar.

Dayane: Há sim.

Dayane: O computador, ele tem ajudado na sua alfabetização?

Caio: Têm ajudado. Assim, porque no meu serviço lá tem, e todo mundo usa, mas eu não sabia nem pra onde ia pra fazer funcionar uma tecla.

Dayane: Mas agora você já sabe pelo menos um pouco né Caio!

Caio: Sim, sim, pelo menos um pouco.

Dayane: E você acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia?

Caio: Sim. É importante. Eu sei de uma gaúcha muito rica, que ganhava muito dinheiro em dólar, dona de uma fazenda de milharal e se não fosse o computador, ela não era ninguém, porque ela entrava no site e vendia para os americanos. Diretamente. Então ela fazia tudo pelo computador. Então se você vê, na verdade mesmo, hoje até as fazendas têm computador. Porque através do computador dá pra ver as pessoas onde elas estiverem em qualquer lugar do mundo em questão de segundos. A tecnologia tem uma linguagem muito além do que agente conhece. Porque você veja bem, o cara tá aqui no Brasil e vai pra outro lugar completamente diferente e pode roubar qualquer tipo de pessoa! Que são chamados de hackers.

Caio: Isso mesmo Caio!

Dayane: E você usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento?

Caio: Celular digital sim, tablete não. Eu nunca usei esse negócio de cartão. Eu só uso lá na boca do caixa. Os caras brigam comigo. Eu falei: “Não. Eu quero sacar meu dinheiro aqui na boca do caixa!”. Porque vamos supor que você ganha novecentos reais e setenta e sete centavos, aquele miúdo não sai! O que acontece: fica lá!

Dayane: E a escola tem contribuído para você usar estas tecnologias?

Caio: A escola me ajudou muito, e se eu tivesse de mexer no caixa eletrônico o que já aprendi na escola ajudaria, mas eu teria que ter a ajuda de alguma outra pessoa, porque ele precisa de várias coisas: números, letras, códigos, senhas. Mas mesmo assim eu não confio!

Dayane: Hoje em dia está difícil confiar nas pessoas né Caio!

Caio: Tá difícil demais professora!

Dayane: E o que você já faz no computador hoje e que não fazia antes?

Caio: Eu não sabia nem pra onde ir professora! Eu não sabia nem o quê que era mouse e tal, eu não sabia nem apagar, fazer letras, apagar nomes como a gente chega com a borracha no caderno e apaga, e hoje assim, eu estou aprendendo igual a uma tartaruga, engatinhando.

Dayane: Mais devagar você vai aprendendo um pouquinho de cada vez!

Dayane: E o quê que você acha que precisamos fazer para melhorar as aulas de informática que oferecemos a você?

Caio: Nada Não! Tá ótimo! Tá tranquilo!

Dayane: Tá certo! Então tá.

Dayane: E você pensa em continuar sua formação escolar?

Caio: Professora olha, uma coisa que eu sempre quis fazer e eu vou conseguir se Deus quiser, é montar uma rocinha pra mim, porque se você parar e analisar tudo vem da roça. É um café, é um pão, é um leite, um chocolate. Tudo vem da agricultura e agricultura dá dinheiro. Então eu vou ver até aonde vai dar né. A minha maior dificuldade é montar as frases, porque eu não sei escrever frases, eu fico tropeçando. Então eu vou pra agricultura, porque agricultura eu sei mexer eu sei mexer com as plantas. Aí não tem problema deixar a escola porque aí eu vou ganhar dinheiro lá. Porque eu tenho vários colegas meus que tem roça e vende seus produtos lá na feira, eu conheço várias e várias pessoas assim que tá bem pra caramba!

Dayane: É mesmo Caio! Existem sim maneiras da pessoa ser bem sucedida mesmo sem ter formação escolar.

Dayane: Então tá certo, obrigada por responder as perguntas da minha pesquisa!

Caio: De nada, professora!

ENTREVISTA 6 - Realizada em 10/05/2017, às 21h03 (duração de 11 minutos e 33 segundos) na Escola Ipê Amarelo do Paranoá/DF.

NOME: Mariana

SEXO: () MASCULINO (X) FEMININO

CIDADE DE ORIGEM: Ceará

CIDADE QUE RESIDE ATUALMENTE: Paranoá

TEM RELIGIÃO? () NÃO (X) SIM - QUAL? Evangélica

TEM FILHOS? () NÃO (X) SIM - QUANTOS? Quatro

ESTUDA EM QUAL ETAPA DE ESCOLARIZAÇÃO? (X) 1^a () 2^a

PROFISSÃO: Aposentada, mas cuida dos netos durante o dia.

TEM COMPUTADOR EM CASA? (X) NÃO () SIM - QUANTOS?

UTILIZA O COMPUTADOR EM ALGUM OUTRO LUGAR ALÉM DA ESCOLA?
(X) NÃO () SIM – ONDE?

TEM FACEBOOK? (X) NÃO () Sim

UTILIZA CELULAR? () NÃO (X) SIM - (X) DIGITAL

JÁ FEZ ALGUM CURSO DE INFORMÁTICA ANTES? (X) NÃO () SIM/ONDE?

Dayane: O que motivou a senhora a voltar a estudar?

Mariana: Minha filha tem muita coisa. Assim, deixa eu falar pra você, a coisa que eu tinha mais vontade de aprender e estou lutando pra vê se eu aprendo mesmo, porque tá difícil sabe. Dizem que depois de velha é mais fácil, mas não é não. Meu pai ele era uma pessoa assim da roça né, e botava-nos era pra trabalhar na roça por que ele falava não ia botar ninguém pra estudar porque mulher quando aprende ler e escrever era pra escrever para os homens e os homens escrever para as mulheres. A ignorância era tanta né! Aí nos nunca aprendemos. A única coisa que ele nos ensinou foi trabalhar em roça. Eu trabalhei muito em roça. Aí quando eu vim aqui pra essa Brasília, eu inventei né, porque tinha aquele tal de Mobral né, mas aí eu tive que trabalhar em casa de família e dormia lá, aí não dava pra ir, aí eu larguei de mão. Aí arrumei um marido, e com ele mesmo eu tentei muitas vezes, mais o ciúme dele também era bravo! Aí eu disse: “Aí, eu vou largar isso de mão gente, um dia quem sabe!”.

Dayane: Nossa dona Mariana! Que dificuldade pra conseguir estudar hein! Quando não era o pai era o marido! Meu Deus!

Mariana: Pois é minha filha, quando não era o pai era o marido.

Mariana: Aí quando foi o ano passado eu não sei nem quem foi a pessoa que me disse: “vamos mulher, vamos tentar!”. Aí eu vim e estudei com uma excelente professora, boa, amiga, sabe! Aí eu vim tentar! Aí no começo eu ficava meio assim né, mas eu falava: “Aí meu Deus, eu tenho que ficar tranquila né! Porque se eu me afobar mesmo aí é que eu não aprendo”! Porque eu sinto que eu conheço todas as letras, e muitas vezes a professora fala que eu sei o nome e fico com medo de dizer e não ser certo né! Eu me esforço demais sabe, pra eu aprender! Por mim eu já estava era lendo mesmo.

Às vezes meus meninos chegavam com dever e eu não sabia ensinar, sabe! Aí eu tinha que pedir pro meu marido ensinar meus meninos porque eu não sabia! Aquilo me dava uma revolta sabe, porque eu não sabia! Aí eu pensei: como meu pai nunca se interessou por mim, tem é que eu mesmo me interessar! Aí depois que o meu marido morreu, que

eu melhorei um pouco, eu pensei: quer saber eu vou é estudar! Aí o dia todinho eu cuido dos meus netos e quando é de noite eu digo: “fica aí com os filhos de vocês que eu vou estudar”! Muitas vezes eu chego atrasada porque elas chegam do serviço em cima da hora, mas eu venho assim mesmo. Eu só não venho quando eu não estou podendo mesmo!

Dayane: Que bom dona Mariana! Meus parabéns para a senhora! Não é todo mundo que consegue vencer as dificuldades e obstáculos que a senhora venceu! Parabéns mesmo!

Mariana: Obrigada minha filha!

Dayane: E a senhora gosta de estudar?

Mariana: Gosto minha filha.

Dayane: E o que mais a senhora gosta na escola?

Mariana: Eu gosto de tudo, eu gosto de tudo!

Dayane: Muito bom! Muito bom mesmo!

Dayane: O quê que a senhora acha que precisa melhorar na escola?

Mariana: Você quer que eu seja realista mesmo?

Dayane: Claro que sim! É isso mesmo que eu quero: sinceridade!

Mariana: Assim, o lanche né! O lanche tinha que melhorar um pouquinho. Porque tem dia mesmo que é ruim demais.

Dayane: Hum.

Dayane: E o computador, a senhora acha que tem ajudado na sua alfabetização?

Mariana: Eu acho que está ajudando. Porque faz a gente ser assim, sabe, é... Mais criativo, faz a gente se animar mesmo!

Dayane: Isso mesmo dona Mariana!

Dayane: A senhora tem alguma dificuldade nas aulas de informática?

Mariana: Um pouco, na hora de escrever.

Dayane: Há tá.

Dayane: E a senhora acha que é importante aprender a usar o computador e acompanhar os avanços da tecnologia?

Mariana: Sim. Eu acho que é importante sabe! Porque nós estamos num caminho que hoje em dia tudo é computador né! Porque daqui a alguns tempos também não vai ser

nem computador, vai ser mais é outra coisa, outra máquina funcionando né! Por que só tá mudando as coisas daqui pra frente, né! Porque de primeiro era aquela maquina de escrever. Eu achava tão legal aquilo! Eu tinha uma vontade de pegar, mas como eu não sabia mexer né! Aí dela passou pra computação, né! E aí agora está aparecendo o tal do tablete, aí as coisas vão só modificando né!

Dayane: Muito bem dona Mariana! Isso mesmo! A tendência é mudar mais ainda!

Dayane: A senhora usa celular digital, Tablet ou caixa eletrônico de autoatendimento? A escola tem contribuído para você usar estas tecnologias?

Mariana: Uso celular digital. O Tablet eu conheço, porque minhas meninas têm, mas eu nunca usei. Uma hora eu vou tentar mexer. Caixa eletrônico eu não uso, mas se fosse pra usar, o que já aprendi na escola ajudaria sim.

Dayane: Que bom que a escola têm ajudado!

Dayane: E o que a senhora já faz no computador hoje e que não fazia antes?

Mariana: Eu já escrevo meu nome, pego uma folha dessa aí e vou escrevendo, ligo, desligo.

Dayane: Há sim.

Dayane: E o que precisamos fazer para melhorar as aulas de informática que oferecemos pra vocês?

Mariana: Pra mim tá bom! Eu estou aprendendo direitinho!

Dayane: Que bom dona Mariana! A gente fica feliz por isso!

Dayane: E... o quê que você pensa para o seu futuro no que se refere a sua formação escolar?

Mariana: Eu quero continuar! Ano passado eu falava pra professora assim: “Eu tenho fé em Deus que eu vou fazer uma faculdade ainda”! Ela disse: “É isso mesmo Dona Mariana”! E eu digo: se Deus permitir eu vou fazer! Deus é quem sabe, não somos nós não! A gente sonha porque é muito importante!

Dayane: É muito importante sonhar sim! Todos nós precisamos sonhar! E a senhora vai realizar seu sonho sim, com certeza!

Dayane: Dona Mariana, muito obrigada pela sua disposição em responder as perguntas pra minha pesquisa tá!

Mariana: De nada minha filha! Precisando...